

PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

DIRIGIDO

POR

V. DA SILVEIRA



PRIMEIRO VOLUME

COIMBRA

IMPRESA DA UNIVERSIDADE

1859

10
7
19
6



8 1-43
see

3.50000

1/2

Catálogo do Armeal
indicando o 1.º Vol.

C/ou: 1838

10
7
19
6



O mesmo vestido nos cobre os membros pag 25.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

JORNAL ACADEMICO

COLLABORADO PELOS EX.^{mos} SRS.

B.^{rel} A. A. da Fonseca Pinto.
D.^r Albino Augusto Giraldes.
D. Amelia Janny.
B.^{rel} A. J. S. Ferreira de Carvalho.
D.^r Antonio José Teixeira.
Est. A. Luciano.
B.^{rel} A. M. da Cunha Bellem.
D.^r Antonio dos Santos Viegas Junior.
D.^r A. da Silva Gaio.
B.^{rel} A. C. Silva Mattos.
B.^{rel} A. Filippe Simões.
Est. A. Saraiva.
B.^{rel} A. Sarmento.
B.^{rel} C. M. Ferreira Veiga.
Est. E. Garcia.
Est. Eduardo J. Coelho.
Est. E. A. de Barros Ribeiro.
B.^{rel} Firmino Dias.
Est. Firmino de Magalhães.
D.^r Francisco de Castro Freire.
B.^{rel} Francisco Maria de Carvalho.
Est. Henrique Nunes Teixeira.
Est. Jayme Constantino Moniz.
B.^{rel} João de Deus.
Est. J. A. Franco Frazão Castello Branco.
B.^{rel} Sanches da Gama (J. A.)
Est. João Rodrigues d'Azevedo.
J. W. Munné.
B.^{rel} Joaquim Alves Matheus.
B.^{rel} J. Simões Ferreira.
J. E. d'Almeida Vilhena.
B.^{rel} José Rodrigues de Figueiredo.
Est. M. Vicente Ribeiro.
B.^{rel} Mello Borges.
B.^{rel} Pedro Rocha.

SUBSIDIADO PELOS EX.^{mos} SRS.

Est. *** A.
Est. Albino de Mello.
Est. Anthero Tarquinio do Quental.
Est. A. da Cunha Guedes.
Est. Antonio Fernandes Melicio.
Est. Antonio L. dos Santos Valente.
Est. Antonio Lucio Tavares Crespo.
A. M. Seabra d'Albuquerque.
Est. A. S. dos Reis.
Est. Barão d'Almeirim.
B.^{rel} Cunha Reis.
Dias Pereira.
Eduardo Coelho.
D. Elvira Candida Garcia de Moraes.
Est. F. d'Albuquerque.
Est. F. Beirão.
B.^{rel} F. José Brandão.
Est. Guimarães Fonseca.
Est. Jayme C. H. L. da Veiga.
João B. V. P. de B. e Veiga.
Est. João Carlos Botelho Moniz.
Joaquim Augusto Rodrigues.
Joaquim Ignacio Xavier.
Est. J. Pedro Parente.
Est. J. Augusto Borralho.
José Augusto Guedes Teixeira.
J. F. Pinto dos Santos.
Est. J. de Castro Junior.
Est. J. F. da Fonseca.
B.^{rel} J. Ramos Nogueira,
José Rodrigues d'Azevedo.
Luiz Augusto Pereira Bastos.
Est. M. J. Carrilho Garcia.
Noronha.
Est. Severino d'Azevedo, etc. etc.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

INTRODUÇÃO

PRELUDIOS-LITTERARIOS

Tal foi o titulo, que escolhemos para uma publicação, que, de 15 em 15 dias, nos propomos fazer em Coimbra, — titulo modesto, como as nossas aspirações, e que, melhor do que nenhum outro, nos parece pôr em relevo a indole da mesma publicação.

Atravessando *rapidamente* o vasto campo da litteratura, e das sciencias; estudando *de passagem* o coração do homem, e a natureza; aproveitando de todos os seres aquellas situações, que mais tenham ferido sua sensibilidade, e elevado sua alma á contemplação no silencio do retiro, no ocio das suas occupações scientificas, ou no sentir de mil prazeres, de mil esperanças, de mil receios, que entretêm o coração ainda não dessecado pela corrupção dos costumes, pelo halito infecto dos desenganos, da descrença, do scepticismo — os redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS não podem ter principalmente em vista senão a *humilde pretensão* de encontrar no futuro, quando a sciencia, deixem-nos assim dizer, houver sellado a sua carreira academica; quando a vida pública, materializando-lhes as idéas, tiver tornado mais pesada a sua existencia, — algumas paginas, que, desprendidas da sua mocidade, e cheias de prazer ou de melancolia, de crenças sentidas no raiar da vida, lhes alentem os animos em arduas fadigas, lhes augmentem a coragem e aviventem a fé no porvir, que as decepções enlutam.

¿ Quem ha, que, ao passar dos quarenta

1838 — Dezembro.

annos, não tenha experimentado prazer e saudade — ao ouvir repetir os seus contos d'infancia? ¿ Quem ha, que, ao declinar da vida, não tenha sentido rejuvenecer-lhe a alma, dobrar-se-lhe o valor, renascer-lhe as esperanças — ao recordar-se dos seus feitos passados, em que apenas entra a reflexão? ¿ Quem ha, finalmente, que não tenha ao menos sacrificado á reminiscencia d'uma existencia innocente e *livre* o materialismo do calculo da vida actual?...

Por outro lado: ¿ quantas vezes não temos nós lamentado do intimo d'alma o esquecimento, o *desperdicio* de idéas, que passam ligeiras, e vão esconder-se, sumirse no rolar da intelligencia, para nunca mais voltarem? ¿ Quantas vezes essas mesmas idéas vão surgir depois 'noutros mundos da intellectualidade, para logo se mostrarem, fulgirem de gloria com mágoa e despeito dos que, indolentes ou inhabeis, as votaram ao desprezo? ¿ Por quanto não resgatariamos nós então cada uma d'essas sementes preciosas, que o sopro dos tempos arrojaram para outras regiões, quiçá menos ferteis, mas mais aptas, sem dúvida, pelo proprio esforço, para as fazer germinar e crescer?

Estas e outras reflexões, que fizemos, não podiam deixar, a seu tempo, de levarnos a emprehender a publicação d'um jornal da natureza d'aquelle, que annunciámos.

Dirigidas, coordenadas em deliciosa harmonia pelos mais habéis; tendo por modelo e guia os escriptos d'alguns litteratos de vulto, cujos nomes opportunamente publicaremos, — *as primeiras impressões*, e, por ventura, as mais puras, as mais lisongeiras d'um grande numero de academicos,

N.º 1

nossos contemporaneos, vão occupar no nosso jornal um dos seus melhores logares, e fallar d'ahi, umas vezes com melancolia, outras com enthusiasmo, a linguagem viva e insinuante do sentimento— não só ao *passado*, que, já despido de crenças e cansado da vida, se precipita exanime nos abysmos do soffrimento; mas ao *presente*, que desponta risonho, esperançoso e ardente, como o levantar do sol 'num dos bellos dias d'estio nas nossas montanhas.

Os outros logares do nosso jornal serão destinados a algumas publicações scientificas de facil comprehensão, e d'um estylo proprio a conciliar o trabalho com o desejo de saber.

Finalmente, ensaiaremos varias traducções das obras mais recommendaveis d'alguns litteratos hespanhoes, tão pouco conhecidas ainda dos nossos portuguezes. A riqueza da lingua castelhana, a sua phrase ás vezes atrevida e arrogante, a fertilidade de pensamentos, o cunho de originalidade, com que elles se nos apresentam, o grande impulso, que, principalmente nos ultimos tempos, têm recebido as lettras 'naquelle paiz, que nos devêra ser commum,— tudo nos faz crer na boa aceitação d'este nosso trabalho.

Mas se, por desgraça nossa, nos houvermos enganado; se o que promettemos tiver a infelicidade de não satisfazer as exigencias d'aquelles, para quem escrevemos,— fique-nos ao menos a certeza de que o preço da sua assignatura nunca será regateado ao dizer-se, que — os lucros materiaes d'esta publicação, se os houver, serão destinados a proteger, na sua carreira scientifica, o seu principal redactor.

V. DA SILVEIRA

Se deixarmos— para quando soubermos — a publicação dos nossos escriptos, nunca os publicaremos.

Lembra-nos ainda o dia, em que, cheios da mais grata emoção, confiámos á imprensa o nosso primeiro escripto: era a homenagem d'um coração verdadeiramente

reconhecido prestada ás virtudes d'um grande homem...

O enthusiasmo guiára-nos a penna; e a verdade do sentimento, que por essa occasião nos agitava a alma, vibrando no coração de todos,— a muitos fez verter lagrimas do mais tocante enternecimento...

Contentes por havermos assim pago á amizade a nossa divida de gratidão; animados pelo triumpho, que o nosso sentimento acabava de alcançar sobre o sentimento dos outros, o nosso primeiro artigo tornou-se, por alguns dias, o companheiro inseparavel, o confidente de todas as nossas esperanças.

O nosso desejo mais ardente — era estarmos sós, para lér essas poucas linhas uma e outra vez, para as apertar contra o nosso coração, que, ao aproximal-as, pulsava com violencia, e parecia procurar reunir-se-lhe, como a mãe carinhosa procuraria reunir-se ao filho, que a ausencia lhe affastára do seio por muito tempo...

¡Como nos eram doces aquellas horas passadas assim no silencio do nosso quarto, em que, seguros de que ninguem nos observava, nos entregavamos loucamente a mil transportes, nos representavamos mil chimeras, que o futuro, sempre contrario, não devêra nunca realisar!

¡Doze annos têm decorrido depois! ¡doze annos de estudo, de reflexão, de dura experiencia!

¿Que fizemos nós?

Cheios de ridiculas pretenções ao principio; depois, duvidosos, descrentes mesmo das nossas proprias forças; ¡despresámos os nascentes fructos da nossa intelligencia, ousada nas suas primeiras investigações; — deixámos extinguir-se os fogos, com que o coração, ainda puro, ainda não macerado pelos soffrimentos, nos aquecia o sangue nas vêas, nos allumiava o espirito, nos expandia a alma!

Os nomes de Rousseau, de Voltaire, de Chateaubriand, de Lamartine, de E. Sue, de A. Dumas, e de muitos outros philosophos, poetas e romancistas, cujas obras conhecíamos, e chegámos a amar com frenesi, ¡se erguiam, quaes phantasmas, em noite, em que a mente delira, para nos

arrebatada da mão a penna ainda mal pouzada sobre o papel, e esmagal-a debaixo do peso da sua colossal reputação!...

Não podémos mais escrever.

“Todos os escriptos, que possuíamos, esses escriptos de *gaveta*, que não ha ninguém, que os não tenha,— foram um a um devorados pelas chammas do nosso candieiro, que, menos barbaras do que a nossa pouca reflexão, pareciam, ás vezes, recusar seus fogos a tanto vandalismo.

As proprias idéas nos fugiam assustadas; e apenas nos atreviamos a pensar pelo pensamento dos outros...

Tudo, que a nossa imaginação criava, era fraco, pallido, e infórme: a simples confrontação nos aterrava: em tudo, que era nosso, descobriamos uma semsaboria, um despropósito, uma inconveniencia, uma contradicção!

Quizeramos fallar, e escrever como todos esses homens celebres, a que o mundo todo vergava a sua intelligencia...: decoravamos os seus pensamentos, as suas phrases, e até as suas palavras!: ensaiavamos imitar o seu estylo; emfim, á força de os admirar, chegámos a esquecer-nos de nós mesmos, das nossas faculdades, da sua egual aptidão: degradámos, corrompemos o espirito e o gosto!

Tal foi a nossa condição, e tem sido a de todos aquelles, que, assim como nós, duvidando dos principios de civilisação e de progresso inoculados em sua natureza, — têm escravizado a sua intelligencia, o seu sentimento pela intelligencia e sentimento dos outros, que, se em algum merito os excedem, é sem dúvida no da confiança em si, no da dignidade e independencia, que sustentam como entes livres e racionais...

¡Ainda as intelligencias mais robustas têm deixado, entre nós, contaminar-se por este mal deploravel! Com a fraqueza material do nosso paiz veiu a fraqueza intellectual: na Hespanha, na França, na Belgica, na Allemanha, e em toda parte onde a civilisação tem penetrado, os primeiros escriptos apparecem ordinariamente com as primeiras impressões, com os primeiros fulgores da intelligencia: em Portugal, po-

rém, consome-se a vida inteira a estudar modelos, a decorar phrases e palavras, a levantar pedestaes a divindades estranhas, que se veneram de rojo, e com o mais abjecto fanatismo...

Poucas obras litterarias temos, que não sejam pura imitação, ou cópia má de outras obras. Em sciencia, nas escholas, raras vezes ouviremos citar um nome portuguez, que nos honre, ou formular uma opinião, que não seja apoiada na opinião d'um auctor estrangeiro...

¡Libertemo-nos, pois, de tão humilhante posição! ¡Confiai nas vossas proprias forças, mancebos! ¡Elevai-vos diante de vossos proprios olhos!: ¡acreditai todos no principio d'egualdade, que encontrais na vossa propria natureza; e que um maior ou menor gráu de aptidão no organismo dos outros, não faça persuadir-vos da sua impossibilidade, que repugna com a infinita perfeição do Creator do universo!

Estudai os melhores auctores; mas ¡pensaí por vós mesmos! E logo que tiverdes descoberto uma verdade — ¡revelai-a como a souberdes, — que a verdade é de Deus, e pertence a todos!... não a guardeis para quando lhe poderdes dar uma *melhor forma*; porque ou não a encontrareis nunca, como a desejais, ou essa verdade, por ventura importantissima, se vos escapará mesmo a vosso pesar, e será com despeito vosso divulgada por outrem.

¡Não receeis os criticos!; porque esses ou são razoaveis, ou ignorantes. Se são razoaveis — *ensinar-vos-hão*: se ignorantes — nenhum mal conseguirão causar-vos: a sua critica, só movida pela inveja ou pelo odio, não póde ferir senão a si mesmos... Ella será a sua propria condemnação, o seu proprio martyrio: — ella será a prova mais irrefragavel da sua inaptidão, por falta de esforço, para coisa melhor neste mundo...

V. DA SILVEIRA

Amigo Silveira

Como posso eu corresponder á honra, que me fizestes, pedindo-me para collabo-

rar no vosso jornal?... Conheço a minha insufficiencia melhor do que ninguem, para que me não penhore muito a lisongeira obsequiosidade, que me dispensastes...; para que me não magôe sobremodo a impossibilidade de vos poder abrilhantar as paginas do vosso jornal.

Saúdo já os *Preludios-Litterarios*, como um bello padrão, que diga ás gerações vindouras, que o nome da nossa classe não morre; e que cada geração academica ha de deixar bem marcado o seu trilho litterario pelas suas publicações recreativas!.. Deixemos a sciencia massiça e pesada para os velhos caturras e.....: nós, que ainda não chegámos á idade dos quarenta annos, que vós mui judiciosamente marcastes como a epocha de transformação, em que o homem, cançado de olhar para diante, começa a aprazer-se de olhar um pouco para traz..., para o caminho já andado!.. nós, que ainda somos mancebos — entreguemos á estampa as impressões da nossa alma, os impulsos do nosso sentimento, já nos dias de alegria infinda, já nos de profundo pesar.

Eu, meu amigo, apesar de conscio da minha pobreza, não posso, não devo recusar-me ao obsequioso convite, que me endereçastes; — e se julgais, que a minha cooperação vos seja necessaria para preencher faltas, que outros trabalhos vossos não deixem preencher, contai sempre comigo, pobre para vos poder levar ricas offertas, mas rico, mui rico de boa vontade no seio da minha pobreza.

Mando-vos uma *impressão* funda, e bem funda, da minha vida: — é triste como a minha alma! é triste, e talvez seja uma inconveniencia preludiar nos vossos *Preludios* com uma nenia de finados, com um canto funebre...

Não tenho nada alegre para vos dar! — a minha vida tem sido muito eivada de amarguras! e os dias de prazer têm sido apenas como oasis, que, na aridez do deserto, apparecem como milagre; mas de longe a longe!..

Mando-vos tambem essa poesia. — Não sei ainda o tamanho do vosso jornal, nem o espaço, de que disporeis para mim. Se

fôr de mais — supprimi o que quizerdes, supprimi mesmo tudo, se assim o julgardes conveniente!..., etc.

A. M. DA CUNHA BELLEM

NOVE DE MAIO

(RECORDAÇÃO)

Hay pensamientos, que en la mente viven
En un rincon de la memoria hechados.
ZURRILLA.

Qual o brando ciciar da aragem entre as folhas do chorão vem despertar um hymno melancolico, que se casa á brisa da tarde, assim uma triste recordação do passado me desperta n'alma um cantico de saudade infinda, que se harmonisa com o soffrer extremo do meu peito!..

Este dia não póde desprender-se uma só vez do circulo dos annos, sem que fira o meu coração com o sentir doloroso da saudade!... Bem como a primeira camandula de cada mysterio, no perpassar das bentas contas do rosario, adverte á devota a occasião de fazer uma nova e differente prece, assim tambem, no deslizar, no fio dos seculos, este dia — o primeiro talvez dos mysterios do meu soffrer — me avisa, que ao céu devo erguer uma oração fervorosa e ardente: que o meu anjo a acolherá sorrindo 'neste dia tão notavel nos fastos do meu sentir!..

Este dia é um anniversario, que faz recordar aos céus uma aurora do ventura, e que a mim só lembra as trévas d'um pesar. É porque então recebeu o empyreo mais um anjo; e eu na terra perdi a melhor de todas as companhias, — a mulher, que ligava aos carinhos naturaes da mãe extrema os affagos ternos e seductores de desvelada amiga!..

Que sua alma pura e innocente, lá da mansão dos justos, onde em gloria vive, queira, 'num olhar benigno, acolher bondosa a prece d'um filho, que, entre os escaucus da mais angustiada existencia, não póde esquecer jámais o dia, que lhe roubou o seu carinho, nem jámais deixar de o recordar com amargor.

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

Advertencia

Ainsi une philosophie condescendante et compatissante, mais sans illusion, ecarterait les chimères de la fausse imagination et de la fausse passion, et mettrait toutes choses dans leur vrai jour, sans éteindre cette chaleur de l'âme, qui peut s'unir à la raison la plus droite et qui l'orne même en s'y ajoutant, comme la beauté à la jeunesse.

PAUL JANET — *La Famille*.

Ha na vida impressões, que fogem desapercebidas, a que o espirito não adhere, e que vão morrer na soidão do esquecimento, semelhantes á brisa, que passando por sobre a planta sem menear-lhe a haste, sem desprender-lhe uma flôr, sem roubar-lhe o aroma, vai perder-se na vastidão de infindos espaços.—Outras ha, ao perpassar das quaes, a alma sente alegria ou desprazer; concebe uma esperança, ou perde uma crença; e a que apenas responde com um sorriso, ou com uma lagrima... Com outras, ella estremece e suspira, como a natureza geme, e se curva ao estrondar da procella, ao silvar estridente d'impetuoso tufão!—Ha outras ainda, e são mais raras, que, semelhantes á suave harmonia, que nos encanta e seduz, que nos extasia e arrebatá o coração, se prolongam na vida; e só se apagam, quando, por fatal e invencível destino, o homem toca o despedir d'esta existencia, como a ondulação sonora, que, propagando-se no ar, atravez de longiquo horisonte, vai sumir-se na orla, que, em sombras escuras de affastada montanha, pousa negligente e recortada.

D'estas impressões sente-as o homem, que contempla a natureza, nos seus incantos, na sua belleza e harmonia divinas; em tudo o que 'nella admira—quem vê com o coração e com o pensamento—não é a revelação dos seus arcanos, que a sciencia louca e tresvariada julga possuir, que nos eleva o espirito, não!: não é o prysma de Newton, nem o telescopio de Galileu, desenrolando as matisadas côres do Iris, correndo o véo a milhares de mundos, até elle ignorados: é o quadro singello e puro da natureza, virgem, ataviada com as graças e os risos da simplicidade e da inno-

cencia, por mãos d'artista sabio e modesto; e não o da natureza desposada pela sciencia, recamada de falsos brilhantes, que a philosophia vaidosa julga 'nella engastar por seus esforços inuteis.

Assim é tambem na sociedade. 'Nella ha encantos e harmonias, scenas magestosas e surprehedoras, para aquella que sabe estudal-a. Mas onde! Existem seres, entre os quaes possamos descobrir ao menos um traço d'esse painel maravilhoso? quando a sociedade é toda desordem, tumulto, alarme desolação?! Segui-me; vinde ao logar, que me inspirou as primeiras paginas d'um romance, e vereis, que não minto; vereis elevar-se-vos a alma, pulsar-vos o coração, e gravar-se-vos ahi a impressão indefinida; e ahi continuar-se até o termo fatal do declinar para o tumulo!...

Não espereis um romance dos que usualmente se lêm; que muitos ha por esse mundo, bellos e sublimes que elles são! nem rastejal-os pretendo; já é bem grande o numero de devotos, que se têm consagrado a este ramo de litteratura; desde Cervantes até Victor Hugo, já não têm conta: são milhares sobre milhares!... É uma scena de familia, um quadro da natureza, uma impressão, ou antes uma philosophia... não d'essa philosophia, que por ahi se vende em caracteres typographicos, essa philosophia de problemas insoluveis, de mysterios insondaveis, essa tão celebrada philosophia do—*eu*—, que embrenha o espirito no dedalo inextricavel do metaphysico incomprehensivel, parto anomalo da imaginação, e que ella mesma não entende,

Gosto mais d'uma philosophia intima e simples, a philosophia do coração, e do sentimento, verdadeira e real, ainda que difficil ou antes impossivel de exprimir e pintar com vivas e mimosas côres. É simplesmente um ensaio, é uma pagina dispersa, em que a natureza e o coração, e, desgraçadamente, a tosca e grosseira linguagem se misturam. É um *preludio*, entoado pelo sentimento, á borda do regato, 'numa tarde de maio, ao som do gorgear d'ave innocente, ao rescender de mimosa e elegante bonina, ao dardejar embaciado de duvidoso crepusculo.

Ei-la: tractai-a com a vossa critica severa e imparcial; mas livrai-vos de empregar os calculos da razão, frios, e ás vezes tenebrosos, como thermometro para apreciar-a; julgai-a sob a influencia do delicioso e melancolico sentir,— que por elle foi inspirada. Chamai-lhe *escripto sem pensamento, embroglio de palavras vasias*.— Chamai-lhe o que quizerdes. É um sentimento exprimido, um hymno á natureza, á vida simples e innocente. É pena que não haja uma lyra tão afinada, d'um tão delicioso vibrar, como a que o coração pulsa em silencio, para entoal-o dignamente.

D'esta philosophia ides enconral-a em varios escriptos, contemplal-a no *René de Chateaubriand*, admiral-a na *Graziella de Lamartine*, adoral-a em *Bernardin de Saint Pierre*, estudal-a em *Paul Janet*.

30 de Novembro de 1858.

E. GARCIA.

Maximas e pensamentos

Louvar alguém d'uma boa acção demasiadamente, é dizer-lhe, que o não julgavam capaz de a practicar.

O que se dá pedido e rogado, já custa tanto como comprado. (FR. L. DE SOUSA.)

Vangloriar-se da nobreza de seus antepassados, é buscar nas raizes o fructo, que se deveria achar nos ramos.

Um nobre sem merecimentos, é um vaso, que não tem mais do que o letreiro.

O TROVADOR

(1841)

I

— Onde vás, ó Trovador,
Onde vás no teu corcel,
Sósinho por azinhagas,
Sem o teu pagem fiel?—

— Vou ao mosteiro deserto
Dar alivio ao coração,
Vou á ermida da Virgem
Levar fervente oração.—

E o Trovador lá partia
No seu corcel apressado;
E eil-o aos muros n'um momento
Do mosteiro já chegado.

Eis os freixos gigantescos,
E o carvalho secular,
E o cruzeiro onde outr'ora
Se costumava assentar.

Lá parou o Trovador,
Do seu corcel se desceu,
Foi sentar-se n'um degráo,
Do mundo ahí s'esqueceu.

Todo absorto no passado,
Immerso todo em saudade,
Repassou no fundo d'alma
Os tempos da mocidade;

E uma lagrima saudosa
Dos seus olhos escapou;
E a face por longo tempo
Nas suas mãos occultou.

— Tempos, tempos, que passastes,
Como eu era então ditoso!
Do mundo só via as flores,
Tinha então pai extremoso!

Em redor dos arvoredos
Como então aqui brincava!
E depois com que transporte
Os umbraes do templo entrava!

E os sinos vibrando festas,
E as tocheiras nos altares,
E o orgão melodioso,
E dos monges os cantares;

E o povo dos arredores
Em fervorosa oração,
De mãos postas para Deus,
E de joelhos no chão;

E o incenso perfumado
Em ondas subindo ao céo,
Involvendo ardentes preces
Com o seu ligeiro véo;

Tudo tudo 'nalma tenra
Fazia viva impressão,
Tudo então me revelava
Dos serafins a mansão:

Dos serafins a mansão,
Que minha mãe me dizia,
Era o premio do bom filho,
Que a seus pais obedecia.

E agora? Tudo ruínas!!..
Cercam silvas os poiaes;
A torre já não tem sinos;
Vão desabando os portaes!

O povo não corre ás festas,
Passam de longe os pastores,
E em vez do orgão sibilam
Os ventos nos corredores.

Oh! não entrarei no templo,
Que me estala o coração;
Não irei ver em ruínas
A casa da oração;

Nem as cinzas venerandas
Dos antigos fundadores,
Dispersas e profanadas
Por impios devastadores;

E as pedras dos mausoléos,
Tão ricas, assim quebradas;
E as estatuas dos heroes
Em pedaços mutiladas:

Raça peor que a dos vandalos,
Que hoje Lizia devastais,
Sobre vós a maldição,
Sobre vós que derrocaís:

Nem memorias dos bons tempos,
Nem das artes o primor,
Nem fastos da historia honrada,
Quiz poupar vosso furor:

Oh! maldição e desprezo
Eu só vos posso votar:
Meu coração me quebrastes,
Não vos posso perdoar!

Recebei, ruínas tristes,
O adeus do Trovador,
E um voto que vos dirige
No meio da sua dór:

Se, como andrajos inuteis,
Vos venderem em leilão,
Possa comprar-vos ao menos
Quem possua um coração:

Que ao menos no templo sancto
Torne a erguer um altar,
Onde possam os fieis,
Onde eu possa vir orar:

E que as cinzas venerandas
Restitua á sepultura,
E ás estatuas mutiladas
A antiga forte armadura:

Quem possua um coração,
Um coração bem formado,
Onde o amor de Deus, da patria,
Bem firme esteja gravado.

Adeus, saudosas ruínas,
Monumentos de saudade,
De uma quadra mais ditosa
Dos tempos da mocidade. —

E o Trovador se entranhava
Pelos pinhaes d'alli perto...
N'um momento eil-o chegado
Á ermida do deserto.

Do seu brioso corcel
Outra vez se desmontou;
E nas lages do alpendre
Mui devoto ajoelhou.

Foi longa a sua oração;
A súplica não se ouviu;
Porém um raio de esperança
Nas faces lhe reflectiu.

Trovador, oiça-te a Virgem,
Possas tu ser mais ditoso,
Trocar teus dias de pranto
Por futuro venturoso:

Possas tu, qual o sonhaste,
Achar um bom coração,
Que se enlêe unido ao teu
Em dóce e terna prisão.

II

Onde vás, ó Trovador,
Onde vás, e tão folgado,
Pela azinhaga florida,
D'uma dama acompanhado?

—Vou á ermidinha deserta
Minha promessa cumprir;
Eu orei á Virgem sancta,
A Virgem me quiz ouvir.

A mulher que eu suspirava
Para minha companheira,
Eil-a aqui, vai a meu lado,
Amante, terna e fagueira.

Foi o altar testemunha,
Eu jurei, ella jurou,
Ella quer ser minha sempre,
Eu sempre e só d'ella sou.

Nossas almas enlaçadas
Em dóce estreita união,
Unidas sempre na terra,
Unidas aos céos irão;

E por isso á Virgem sancta
Vou com muita devoção
Ferventes graças render-lhe,
Supplicar-lhe a protecção.

Por sobre o mar d'esta vida,
A Virgem sancta invocando,
Com vento do céo iremos
Á patria eterna singrando.—

Já vai longe a dama bella,
Longe vai o cavalleiro;
Até que por fim pararam
Junto aos portaes do mosteiro.

E já Deus tinha escutado
As preces do Trovador,
Já não se viam ruinas;
Volvêra antigo esplendor.

Dê novo as galas brilharam,
Ornou-se de novo o altar,
E o Trovador, satisfeito,
Pôde ahi de novo orar.

.....
.....

—Vamos, vamos, terna amiga,
Vamos, vamos, á ermidinha;
Bons corceis, voai ligeiros. . . .
Eil-a ahi, ó vida minha.—

E sobre as pedras do atrio
Longo tempo ajoelhados,
Preces, graças, votos d'alma,
D'alli sobem misturados. . . .

Pareceu sorrir-se a Virgem
Com tamanha devoção,
E aos dois mais amor e esperança
S'entrou no coração.

Quaes duas nuvens d'incenso
Da mesma urna saindo,
Quanto mais aos céos se elevam
Mais e mais se vão unindo,

Taes aquellas duas vidas,
Cada vez mais extremosas,
Sentiram mais estreitar-se
Suas prisões amorosas.

III

.....
.....

Longos annos já passaram:
No cemiterio da aldêa
A campa do Trovador
Mui de fresco alli campêa:

E sobre a campá á tardinha
Uma dama vinha orar,
Alguns annos sempre em lucto
Nunca a viram lá faltar...

Até que a campá se abriu,
E outro corpo recebeu;
Desde então sempre fechada,
Com o tempo inegreceu.

E contaram uns pastores,
Que 'nessa noite se viram
Umás luzes sobre a campá,
Que depois ao céo subiram.

Entre muitos, pela aldéa,
Tambem correu um rumor;
—Que as luzes eram as almas
Da dama e do trovador. (F.)

NO ALBUM DO SR. JOSÉ DOS SANTOS MORAES E SÁ

ARTISTA E POETA

Et laisse evaporer ta vie avec
tes chants.

LAMARTINE

Quando o sol reclina a fronte
Nas verdes agoas do mar,
Vindo-o a lua defronte
No seu occaso saudar,
Tambem tu — artista e poeta —
Deixas tua arte selecta
P'ra em segredo ir meditar!..

E que nas raias do dia,
Do sol ao extremo fulgor,
Céde a arte á poesia,
Céde o trabalho ao amor!..
Então já não és artista,
Traz-te a gloria outra conquista...
É o poeta, — o cantor!

Que importam do mundo as galas
Á vida do coração?
Se tu mais amas as fallas,
Que te dá meiga soidão?...
Se, dando ao trabalho o dia,
Á noite vem a poesia
Verter em ti seu condão?..

Que te importa a brisa pura
Nos salgueiraes a brincar...
Ou a lympha que murmura
Da lua ao raio a brilhar?
Que te importa? se os teus hymnos
Tem accentos mais divinos,
Que vem n'alma murmurar?..

Que te impor a luz da aurora,
Que te importa o pôr do sol,
Se tua alma se enamora
De mais brilhante arrebol?..
É que, ao alvor da poesia,
De noite como de dia,
Tambem canta o rouxinol!..

Eia! pois! assim reparte
Teu indefesso lavor!..
Que a poesia e a arte
São irmãs de equal primor!..
Agora artista inspirado...
Depois o genio fadado
C'o condão de trovador!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

Amigo Silveira

Se os laços da confraternidade escholar
valem alguma cousa; se o equal nivela-
mento do campo, em que habitámos, póde
indicar homogeneidade nas crenças e no
sentir; se o estarmos ambos alistados sob
a mesma bandeira, deve exigir de nós au-
xilio mutuo, — não podia eu recusar-me ao
vosso pedido, quando rogastes a minha
collaboração para o vosso jornal.

Conheceis minhas forças; sabeis quanto
é diminuto, imperceptivel quasi, o enfe-
zado peculio, que posso offerecer-vos; as-
sim mesmo dignastes-vos acceital-o: cum-
pria-me, ficando-vos reconhecido, assentir,
gostoso, ao que podieis. Negar, se era pa-
gar um obsequio com uma grosseria, não
fôra, por certo, menos faltar aos deveres
sagrados, creio eu, que nascem das leis
d'esta associação grandiosa, a que ambos
pertencemos.

Compreendi, que tinha de luctar com

mil difficuldades, para que estivesse em harmonia com os vossos e meus desejos aquillo, que eu podesse offerter ao jornal, que ieis dar á luz; mas eu prometti: cumprir era, pois, uma necessidade.

Deliberei emprehender a lucta da minha vontade com a minha fraqueza, e offerecer-vos as forças, que d'essa lucta, quiçá, me resultassem.

Quiz escrever para o primeiro numero do vosso jornal. Esforcei-me por conseguil-o. Corri atraz de mil idéas; mas a lucta era desigual: fiquei vencido.

Carecia do elemento principal para conseguir meus intentos. Faltava-me a quietação moral; e, portanto, forçoso me foi depôr aos pés de minha fraqueza a bandeira da revolta, que contra ella haviam tentado desenrolar as pobres coitadas de minhas infelizes forças!

A lembrança, porém, de minha promessa era muito viva e imperiosa; e eu queria pagar essa divida, que comvosco contraíra. Lembrei-me, então, de recorrer a uma velha carteira minha, inseparavel companheira de minha vida 'nesta terra; outr'ora confidente de meus segredos mais intimos; deposito d'algumas lagrimas e sorrisos; espelho fiel, em cuja frente vejo, ás vezes, desenhadas as loucuras descuidadas do rapaz, d'envolta com os pensamentos calculados do ancião; onde descubro, 'numa pagina, um indicio da maxima paradoxal — *viver é matar o tempo* —, 'noutra, uma prova da sentença — *viver é aproveitar os dias*. —

Fui, pois, procurar alli algum meio de cumprir minha promessa; e, em resultado, remetto-vos esses *versos*.

Foi uma *encommenda*, que se dignaram fazer-me; e sirva isto de desculpa aos pobres versos envergonhados. Não aceitára a *commissão*, que 'nesse tempo me foi encarregada, se ante mim não visse um *album*, e na sua primeira folha não lêsse um nome feminino.

Era forçoso obedecer.

O nome da mulher, que pede, é sempre uma ordem, de resistencia impossivel. Se nenhum outro sentimento impéra no homem, que obedece, o do respeito é suffi-

ciente. E era por isso, que eu obedecia — sómente por esse motivo.

A estrêa, que vou fazer no vosso jornal, é má. Reconheço-o. Nem a *indignação*, sequer, me faz *poeta*; e para que os censores me relevem, eu mesmo confesso, que só fiz *versos* e não *poesia*.

2 de dezembro de 1858.

MELLO-BORGES

'NUM ALBUM

Um conselho

Donzella, já viste a rosinha d'abril
Pendendo, airosa, na haste veridente?
Revendo seu rosto, purpureo, gentil,
Nas limpidas agoas de mansa corrente?

Já viste como ella sorri, prasenteira,
Á brisa fagueira, que a vem embalar?
E mesmo nem pensa, sequer — descuidada!... —
Que pôde, — coitada!... — mui breve murchar?

Mal pensa, que a aragem, inda hoje acalmada,
Já pôde amanhã ser rijo tufão!...
E que a florinha, da haste cortada,
Em breve sem vida se roja no chão!...

Não vê, que o regato, sereno inda ha pouco,
Agora já louco se ergue aturvado,
E leva, 'scondida nas agoas, a rosa,
Que alli, desdenhosa, se havia mirado!...

E a rosa, cheia d'esp'ranças,
Que sorrira ante o porvir,
Perde crenças, illusões!...
Na voragem vai cahir!...

Coitada!... Foi imprudente,
E crente de mais na sorte!
Com desdem gozou da vida,
Foi punida pela morte!...

E a flôr, inda ha pouco viçosa,
Que nos pôde na terra deixar?
Só lembrança, mui leve, que a aragem
Vai delindo com seu bafejar!...

Se ainda houve alguém n'este mundo,
Que o finar da florinha chorou,
Esse pranto correu mui ligeiro,
Mui depressa o olvido o seccou!...

Não sabes, donzella, na terra qual é
Da pobre florinha retrato perfeito?
A imagem da rosa, que, ha pouco, de pé,
Agora seu viço vê murcho, desfeito?

É a mulher, que—orgulhosa, imprudente—
Crê—louca, demente—nas fallas do mundo;
Sorri á lisonja, que a vem abraçar,
P'ra além lhe cavar um abysmo profundo!

É a donzella, que nas salas recebe
Olhares e sorrisos, que os homens lhe dão,
E—desgraçada!—não vê, não percebe
Por entre os sorrisos maldade, traição!...

Não vê, que a descrença, já hoje potente,
—Dura semente, que o inferno gerou!—
No homem deliu o sentir mais ameno,
E diro veneno nos peitos vasou!...

E a mulher, que viras hontem
Dos salões ser a rainha,
Eil-a hoje desprezada!...
Sempre só, sempre mesquinha!...

Infeliz!... não quiz pensar,
Mas scutar o coração!
Da mentira fez seu norte,
Por sorte teve a traição!...

E sabes o que resta na terra
P'r' a mulher, que deu fé ao perjurio?
Um escarneo, que n'alma se filtra
Gôta a gôta!—Martyrio bem duro!—

E nem pôde no mundo escutar
Mais que fallas d'atroz irrisão!
Refugio..., se pôde buscal-o,
É de Christo no sancto pendão!

.....
.....
.....
.....

Perguntas, donzella, se n'estas palavras,
Que deixo escriptas n'um livro, que é vosso,
Ousei um conselho sincero gravar?
Alguem te responda, que eu mesmo não posso.

E se, n'algun dia, quizerdes olhar,
P'ra isso que virdes escripto por mi,
Lêde o que eu digo, e esquecei quem o diz
Mas o que pensardes dissei-m'o aqui.

Coimbra, 30 d'abril de 1858. MELLO-BORGES

Charada

Vê em mim o criminoso
Seu exicio afigurado;
Almo prazer, venturas mil
Em mim vê o namorado. } 1

Tira d'aquí o todo a origem,
Origem a mil coisas dá—
Pódes advinhar até sem vê-lo,
Pois o que é t'ô disse já. } 2

Mil voltas dou p'ra nascer,
Para morrer mil voltas dou:
Nasço e morro, mas não vivo;
Inanimado ente sou.

EXPEDIENTE

! Nenhum jornal viu talvez a luz em
Coimbra debaixo de melhores auspicios, do
que OS PRELUDIOS LITTERARIOS! ! Apenas o
seu prospecto, humedecido ainda, deixando
o prélo, tinha percorrido as mãos d'alguns
amigos, a que primeiro confiáramos a nossa
idéa,— já mais de 200 nomes se haviam
inscripto, para auxiliar e garantir a publi-
cação do nosso jornal!

Oito dias depois o numero dos assi-
gnantes em Coimbra !subia a 450! ! em-
quanto que das outras provincias nos vol-
tavam os prospectos, que para alli enviara-
mos, contendo não menos promettedoras
assignaturas—philantropicos nomes, que
têm ido gravar-se no nosso coração pro-
fundamente reconhecido!

Temos perfeito conhecimento do que
valem no mundo litterario e scientifico,
para attribuirmos vaidosos tão feliz resul-
tado aos fructos passados de nossa penna,
que, é força dizel-o, nos treme, se nos escapa
da mão ao esboçar das mais simples idéas,
como as que ainda nos occupam a mente.

! Não!

O triumpho da nossa publicação, o en-
thusiasmo, com que ella geralmente tem
sido recebida entre os nossos irmãos aca-
demicos, e todos aquelles, que, como elles,
amam as lettras e as sciencias, ou verda-
deiramente se interessam pelo infeliz, [não
deve attribuir-se senão aos bons sentimen-
tos, que os animam, sentimentos de gene-
rosidade, d'amor, de protecção pelo fraco;
e que, apesar das idéas materiaes do se-
culo, que procuram adormecer o coração,
se revelam entre a mocidade com toda a
vehemencia ao primeiro brado de lastima
—ou de soccorro!

Interpretando assim o brilhante successo,
que acabam de alcançar OS PRELUDIOS LIT-
TERARIOS, nós não podiamos, sem ingrati-
dão, deixar de prestar 'neste logar a mais
bem merecida homenagem aos seus assi-

gnantes; e de confessar, desde a nobre tribuna da imprensa, em que nos acabam de collocar os seus generosos esforços, a mais viva gratidão, que por todos sentimos.

Não publicámos hoje os nomes dos illustres collaboradores d'este jornal, como promettemos,— porque, faltando-nos ainda algumas respostas aos convites, que dirigimos, não quizeramos 'nelles incluir uns, que talvez não acceitem; e excluir outros, que, dispostos a acceitar, a distancia, ou as suas occupações não deixaram ainda fazel-o constar a esta redacção.

É todavia do dever nosso lamentar por esta occasião a falta d'alguns escriptos do ex.^{mo} sr. Antonio Borges Cardoso de Figueiredo, com os quaes, desde o principio, contavamos enriquecer o nosso jornal. Necessitando ainda de *mestres*, que nos dirijam a penna em os nossos pequenos ensaios litterarios—a recusa do ex.^{mo} sr. Cardoso de Figueiredo, fundada toda no máu estado da sua saúde, que deploramos devéras, não podia deixar de trazer-nos a mágoa ao coração.

O perfeito conhecimento, que tem das humanidades; a pureza, a facilidade, a elegancia do estylo, com que escreve; a sua muita erudição, em fim,—tornam-no hoje uma celebridade no mundo da litteratura portugueza.

Que este reconhecimento nosso não possa servir senão de provar-lhe o respeito, que devemos ao seu muito saber, e a conta em que temos a perda, que, a seu pesar, nos fez experimentar.

Tambem o ex.^{mo} sr. doutor Augusto de Sousa Pires de Lima, cujos talentos mereceram a escolha, que d'elle fizemos; e que acceitando a collaboração, que lhe offerecemos, muito acreditaria o nosso jornal, se recusou, por eguaes motivos, ao nosso convite. Sentimos profundamente a falta de tão grande apoio, e os poderosos motivos, que o affastaram da missão, que, possuidos da maior confiança, lhe incumbiamos, e que não podia senão fallar-lhe muito favoravelmente ao coração.

Publicamos a carta do nosso amigo o ex.^{mo} sr. Bellem, bem como a do ex.^{mo} sr. Mello Borges, sem lhes havermos pedido o seu consentimento. Mas estamos certos, de que nos perdoarão este abuso, quando, assim como nós, tiverem pensado, que ellas são a melhor das introduções, que poderamos fazer aos seus escriptos; com a differença, porém, de que elevariamos ahi o seu merecimento, á altura, que lhe compete, e não o deprimiriamos, como a modestia aconselhou aos illustres auctores.

☞ O grande numero de escriptos, que têm affluído 'nestes ultimos dias á redacção d'este jornal, que entre doutores, bachareis e estudantes das differentes faculdades na universidade de Coimbra, conta já *vinte e um* collaboradores,— nos obriga a alargar consideravelmente o limitado campo, em que haviamos circumscripto os PRELUDI OS—LITTERARIOS.

Em vez de 8, como annunciámos,— este jornal conterà 12 paginas d'impressão; isto é,— *metade mais* do que devêra ter, seguindo o nosso programma.

Trazendo porém este melhoramento um grande accrescimento ás nossas despesas— achámos *justissimo* elevar com elle o preço das assignaturas; mas 'numa proporção tão favoravel para os subscriptores — que bem longe de merecermos a sua *censura* — receberemos os seus *parabens*: *! Só 10 réis mais em cada numero!* V. DA SILVEIRA

ASSIGNA-SE: em Coimbra — loja da imprensa da Universidade; Lisboa — livreria universal, de Silva Junior & C.^ª; Porto — Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu — Francisco Gomes Pinto; *Pezo da Regoa* — Manuel Mendes Osorio; Evora — V. J. da Gama; Bragança — Antonio Caetano d'Oliveira Furtado.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remetidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra, e das Escolas de Lisboa e Porto.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

É ás universidades e escholas, em que se concentra o homem ainda não corrompido, e ávido de progresso, que compete dar o golpe fatal no egoismo e hypocritos costumes, que, arraigados nos velhos, vão sendo transmittidos de geração em geração; e levantar sobre suas ruínas o philantropico estandarte de protecção e amor por todos, de abnegação por si, de exterminio a todo esse mundo de conveniencias sociaes, que nos escravizam a intelligencia e o sentimento.

Reconhecida a necessidade de communicarmos aos outros, pela imprensa, a verdade das nossas idéas, dos nossos sentimentos mais intimos;—de fazermos participar a humanidade inteira dos magnificos thesouros, que o Creador, segundo os variados e mysteriosos fins, que se propozera, confiára particularmente a cada individuo da criação,—cumpre-nos indagar, estudar mesmo a sociedade de Coimbra; e decidir depois, se porventura ella será das mais aptas para ensaiar tão grande refórma, para comprehender tanta abnegação, tanta philantropia, calcando aos pés o mundo de conveniencias, que nos opprime, esmagando o mais odioso de todos os monopolios, o mais contrario á razão e ás leis do progresso e da civilisação, exclusivamente confiadas ao homem,—o monopolio dos productos da intellectualidade e do sentimento.

Se o não fosse—louca seria a nossa empreza; e o nosso jornal não devêra ter visto a luz, onde só o desprezo podesse responder á sanctidade de suas doutrinas.

Uma serie de circumstancias, e quiçá as mais extraordinarias, nos tem posto, por muitas vezes, em contacto com as differen-

tes classes, em que, pela ambição, orgulho, vaidade ou ignorancia, se acha dividida a sociedade, já em o nosso paiz, já em paizes estrangeiros, mais ou menos civilizados, por onde a sorte conduzira nossos passos.

O nosso dedo, guiado pela felicidade ou pela desgraça, pela abundancia ou pela miseria, tem, por assim dizer, tocado todas as cordas do coração humano..., e produzido ahi todos os sons, que formam a harmonia da alma, revelando-se pela palavra ou pelo gesto.

Tanto o sabio, como o ignorante; tanto o nobre, como o rico; tanto o artista, como o pobre, considerados em todas as idades, em todos os gráus da escala da civilisação—têm sido, desde o alvorecer da vida, e a nosso pesar, o alvo das nossas investigações, o martyrio da nossa intelligencia, o livro mysterioso e infalivel, por onde tentámos, pelo estudo, chegar ao conhecimento do que existe...

Partindo d'uma situação media—consequimos descer até a mais pobre e infima cabana do indigente; e remontar, depois, até o palacio dos mais nobres, dos mais opulentos senhores da terra...

Vimos alli a velhice desconfiada, sem esperanças, sem sentimento, sem alma,—núa, descarnada, avarenta, egoista, impenetravel...: acolá a mocidade, crente, esperançosa, cheia de seiva de vigor, de sentimento, d'abnegação, de generosidade... Chorámos com uns a sua ignorancia, a sua escravidão,—gozámos da sua simplicidade e innocencia...: lastimámos com os outros o seu saber, a sua independencia..., —soffremos com os seus vicios, com a sua duplicidade...

Triste, mas proveitosa experiencia! É ella, que vai hoje dirigir os nossos passos através d'este mar procelloso de idéas, de sentimentos, que, bem como as ondas, se chocam, se attrahem, ou se repellem; tomam uma nova fórma e consistencia; ou se despedaçam por entre mil escolhos, com que o odio, ou o crime nos tem embaraçado a vida, tornando-a difficil, ou impossivel

Coimbra é uma cidade pequena, collocada quasi no centro do nosso montanhoso paiz; afastada da capital por muitas leguas; rodeada de verdejantes colinas, de valles alegres e fecundos; banhada pelo Mondego; abrilhantada por um sol puro e intenso; embalsamada pelo doce perfume da flôr da lorangeira...

Coimbra está sentada sobre um monte: no centro, e na sua maior elevação ergue-se a velha e soberba universidade; mais além está o lyceu; depois, rodêam-na as pequenas casas, brancas e alegres, em que habita o estudante, ou o mestre; o artista ou a servente; ou alguma familia, que a sabia e prudente civilização convidára a acompanhar, nos seus primeiros passos, o filho querido, que o amor da sciencia consagrara a Minerva.

Na sua base, e juncto ao rio, estabeleceu-se o commercio e a industria—essa grande officina, em que o trabalho material prepára ao intellectual todas as commodidades, de que elle carece, para o seu desinvolvimento livre e independente.

De manhã é o tanger do sino, que desperta o estudante; que lhe recorda mais um dia d'aula, de estudo, de aproveitamento: de tarde, ás horas do crepusculo, é uma canção do rouchinol, saltando de cedro em cedro, de salgueiro em salgueiro, que lhe aconselha o recolhimento, a meditação, o trabalho...

Se é numa vespera de feriado,—a amizade, ou o prazer o conduz a casa do seu amigo mais intimo, do seu camarada, do seu collega, para ahi recordar as scenas infantís da sua vida; para ahi chorar uma saudade da familia, da amante..., que vive ausente; para ahi finalmente traduzir, em

linguagem singella e simples, todos os seus projectos, todas as suas esperanças...; em quanto que outros, menos felizes talvez, dirigem seus passos tardios para os sitios mais remotos, mais mysteriosos além da cidade; e ahi, perdendo-se em mil voltas, deixam aos sentidos e ao pensamento a direcção de sua marcha, ora apressada, ora vagarosa, segundo as impressões, que a sua alma recebe...

Aos domingos suas preces fervorosas, cheias de fé, d'amor, de reconhecimento, em que o nome da Virgem se enlaça com o nome da mãe, da irmã ou da amante..., vão ser ungidias na capella visinha, para que d'envolta com as nuvens d'incenso, que se elevam no templo, subam mais ligeiras, mais puras ainda, ao throno de Deus...

Tal é Coimbra; tal é, em geral, o estudante, contemplado na *sua vida real*, embora se presuma o contrario, pela maneira *fria e desconfiada* de o considerar,—pelo manto mais ou menos espesso e mysterioso, mais ou menos contradictorio, com que as conveniencias d'uma sociedade absurda nos obriga, com violencia, a cobrir ainda os actos mais sanctos—*para não cairmos no ridiculo!*...

V. DA SILVEIRA.

Amigo Silveira: Enviando-vos o artigo com a epigraphe—*A educação*—, primeiro escripto meu, que vê a luz publica, faço um esforço superior ás minhas forças, e que nada 'neste mundo, nem mesmo a vossa attenciosa carta, podéra alcançar, se o programma dos vossos *Preludios*, e o artigo, que se lhe segue, no seu primeiro numero, não fossem de natureza a fazer escrever outros com menos desejos, do que eu, embora mais habilitados.

Ahi vai pois, esse *escripto*...: é elle filho da impressão, que bastas vezes tenho experimentado, ao encarar a parte moral da sociedade; e que mais vivamente me tem tocado.—Infelizmente para mim, estão os meus conhecimentos litterarios em tal desigualdade com essas impressões, que ellas terão de ser mal interpretadas, e, talvez.....

Mas, se assim julgardes, que venha a acontecer — entregai-o antes ás chammas do vosso candieiro, eu vol-o aconselho: baste-me a certeza de que me não accusareis nunca de incredulo ou de preguiçoso... etc.

Coimbra, 9 de Dezembro de 1858. M. J. L.

A EDUCAÇÃO

A educação é para o homem,
o que o molde é para o metal:
dá-lhe a forma.

J. BALMES.

Desde a mais remota antiguidade a educação é conhecida como o mais poderoso motor da civilisação, e base fundamental das sociedades. A sua necessidade muito tem feito sentir-se nos tempos modernos, em que a corrupção lavra por entre as diferentes classes do povo, sem lhes poder servir de antidoto as idéas religiosas, tão desprezadas por uns, e injustamente calumniadas por outros, em nossos dias.

Com effeito: ¿ que dique oppór ao mal, que corróe as sociedades modernas? A quasi completa ausencia ou enfraquecimento das idéas religiosas, d'um lado; do outro, a mais completa ignorancia, exacerbada pelo fanatismo religioso, têm produzido um estado indefinivel, onde, a espaços, apparece o desprazer, o indifferentismo, o scepticismo, e mil outras idéas subversivas do estado social, e, por conseguinte, de toda a ordem, de toda a tranquillidade, inimigas terriveis do trabalho, e incompativeis com o viver socegado á sombra do lar; viver, que outr'ora fazia um grande ramo, o mais querido, da felicidade de nossos avós...

Leibnitz, nas suas cartas a Placius, dá a resposta a este brado d'angustia, que de todos os lados se solta, desejosos, como estão alguns, de remediar este mal, e de nivelar a parte moral da existencia humana com os progressos feitos no seculo actual, pelo que diz respeito ás commodidades e gozos materiaes, ao mundo scientifico e industrial.

« Sempre pensei, diz o citado philoso-

pho, que se reformaria o genero humano, se se reformasse a educação da mocidade.»

Mas ¿ como proceder a essa educação, no meio de tão viciosos costumes, que presidem ao estado actual da sociedade, e que, tendo atacado já o lar ainda o mais intimo d'uma grande parte das familias, têm a outra parte em suspensão á borda d'um abysmo, prestes ahi caír, se uma milagrosa estrella a não guiar em tanta escuridão, que a rodêa?

Não podendo arrancar-se a mocidade do seio das familias, devemos fazer por moralis-las, por empregar sobre ellas, primeiro que tudo, o nosso cuidado, os nossos esforços; por desinfec-tal-as dos miasmas corruptores, que impregnam a sua atmospherá, certos de que as affecções, que produzimos no proceder dos pais, hão de reverter e transmitir-se aos filhos; porque os habitos adquiridos em familia, bons ou máos, nunca se perdem inteiramente, fazendo sentir, em toda a vida, a pesar da ignorancia ou da instrucção, o influxo, que têm nas crises as mais desesperadas, ou nos momentos os mais felizes.

O viver da familia existirá no homem sempre em memoria; pois que as suas impressões, as primeiras, que ferem a nossa alma no verdor dos annos, gravando-se no nosso cerebro, ainda tenro e virgem, nos acompanham até a borda do tumulo, e não nos deixam, talvez, mesmo ahi, depois de haverem servido de modelo ao nosso caracter, e regulado o nosso proceder.

Aquelles, que, como nós, tiverem perdido na adolescencia da vida os dois mais fortes, os unicos arrimos, que foram a nossa ventura, e que seriam o nosso porvir...; e depois os que, atravessando a meia idade do homem, o têm sentido, ao prescrutar a sua consciencia, — poderão dizer, se a ausencia ou assistencia d'esse ensino invisivel e perpetuo do viver da familia não lhes doou uma grande parte das virtudes ou dos vicios, que os tornam caros, ou odiosos aos outros homens...

¡ Feliz d'aquelle, que tiver um pai e uma mãe virtuosa! Esse não deve deixar um só dia de erguer as mãos aos céus, e pedir pela sua conservação...: tem 'nelles o exemplo vivo, tem os elementos para ser

prestavel á patria... ¡Ai! que não possamos nós fazer ainda o que aos outros aconselhâmos!

Mas para tão grande, tão urgente regeneração das famílias e de que importancia não é o auxilio das idéas religiosas, e a morigeração do clero, destinado a desempenhar o papel principal na sua propagação!...

O clero foi destinado pelo Christo a ser o sal da terra, e a luz do mundo. E quem ha ahí, que não conheça, que, para a maior parte do povo, é elle o espelho, onde se mira; o modelo, por onde affere suas acções?

« Apresentai nas universidades e lyceus os sabios mais profundos, e os mais intelligentes e insignes oradores, derramando jorros de doutrina, para instruir o povo nos seus deveres; por certo, que não colherão elles tanto fructo como o humilde parochio da aldêa, prégando aos seus freguezes dos mesmos degráus do altar, d'alli onde elles têm visto baptisar os filhos, casar os esposos, e orar pelos defunctos seus maiores.»

Estas palavras do insigne hespanhol Martines de la Rosa explicam, melhor do que nós o poderamos fazer, a influencia do clero sobre a sociedade.

¡Sublime missão é a sua! ¡mas, ainda mais sublime a religião, que elles prégam, que tão maravilhosos effeitos produz!..

¡Moralisai, pois, e instruí o clero, preparando-o para cumprir a alta missão, que lhe foi destinada n'esta grande obra da civilisação! ¡Limpai-o da superstição, do fanatismo, da hypocrisia! ¡Creaki sacerdotes dignos, e instruidos;—e tereis dado o passo mais gigantesco para a aniquilação do máo estado social, que todos sentem, com que todos soffrem, principalmente a plebe, essa infeliz classe, e a mais numerosa da sociedade, a que o orgulho d'uns, e o preconceito dos outros têm appellidado de *classe baixa*,—a *minima*, como se elles não fossem os unicos culpados da sua inferioridade, do seu abaixamento, em despeito de todas as leis divinas, que nivelam os homens!..

Mas não é este o unico meio, de que devemos dispôr para moralisar o povo: com elle damos aos pais a educação religiosa, que os prepara a formar bons cidadãos, uteis a si, á familia, á humanidade inteira, pelos seus bons costumes, pela sua obediencia e respeito ás leis, pelo amor da justiça: com elle damos ainda aos filhos essa mesma educação religiosa, pura e simplesmente bebida no leite materno, confirmada depois pelo proceder dos pais, baseada no exemplo de todos.

Não basta só tornar a sociedade inoffensiva: é preciso tambem, por uma educação especial, fazer nascer e arraigar-se o amor pelo trabalho, pelo estudo, livrando-a por este modo da ociosidade, essa mãe de todos os vicios, que a corrompe. E posto que uma parte d'esta educação possa ser supprida, até certo ponto, pelo exemplo, esse grande conselheiro da mocidade, e que tanto influe no seu destino futuro,—todavia a outra parte só poderá conseguir-se por meio da instrucção litteraria, principalmente da primaria, sabiamente dirigida e distribuida, segundo as necessidades e o alcance de cada um.

Mas ¡quão atrazados estamos tambem ainda 'neste ramo d'educação! Não nos faltam de todo homens habilitados em instrucção civil e religiosa, tão precisa aos pedagogos da mocidade; porém, além da sua má organisação, que não deixa, que corresponda ao fim, que se deseja alcançar; o salario, ou a retribuição aos professores, é tão mesquinho, que só póde attrair aquelles, que não estão litterariamente habilitados para outra coisa melhor: ¡*professor de instrucção primaria!*—é um triste emprego, de que entre nós se zomba e escarnece, quando elle é dos mais honrosos; pois que, se não fórma homens sabios, habilita cidadãos rectos, para comprehenderem o que lhes convém.

Religião e instrucção: ¡eis a verdadeira educação!; ¡eis o remedio para os males, que flagellam as sociedades modernas, promptas a amolecer-se nos gozos e comodidades do progresso material, e a precipitar-se no abysmo, como a antiga Roma, descuidosas das chagas, que as corróem, e

olhando só para os adornos e atavios exteriores, que as encobrem!...

Educação religiosa e litteraria, firmada e baseada no exemplo: — eis as palavras da redempção; a salvação das sociedades!

O tornar-nos melhores: — eis finalmente a origem de toda a felicidade domestica e social!

M. J. L.

BELLAS ARTES

(GENERALIDADES)

Seu estado em Coimbra.

Sobre um pedestal glorioso, tres irmãs queridas, inteiramente confraternisadas, pelo mutuo auxilio, que se prestam, se elevam altivas, sustentando uma unica corôa, que abrilhanta suas frentes. A multidão as rodêa; e parece invejar os thesouros, que ellas repartem com economia; visto que a poucos é dado transpôr os limites do que é baixo, vulgar e commum.

Quereis conhecê-las? Olhai! Cada uma apresenta o nome do seu filho mais querido: a primeira mostra-vos o nome do immortal Tasso, a segunda o de Raphael, e a terceira o de Donizetti.

Não nos occuparemos da primeira; porque essa cidade, que a civilização academica ainda não poliu inteiramente; essa cidade, enfim, que aspira, *por excellencia*, á poesia, e se presume já cheia de encantos, é, desgraçadamente a mesma, onde menos se apreciam as bellas artes, e tudo, que ha na vida, de grande e sublime.

Deixaremos tambem a pintura, essa reproducção das bellezas naturaes, que apenas é conhecida em Coimbra: as magnificas télas de Raphael, Rubens e Salvador Rosa ainda não poderam despertar aqui o amor da arte, pela qual o pintor materialisa as visões da sua imaginação inspirada.

Occupemo-nos pois da terceira — a musica: com esta nos demoraremos mais; e faremos justiça á alegre flôr do Mondego, á patria dos amores da linda Ignez, visto que esta arte vai sendo cultivada em Coimbra com toda a dedicação.

Permitta-se-nos porém, que, em tom

alegre, para não fatigarmos o leitor, comecemos a sua critica, não para desanimar alguém, mas para corrigir defeitos, que obstem ao desenvolvimento, de que ella é susceptivel em terra tão favorecida pelas riquezas naturaes.

Que genero escolheremos: o sacro, o marcial, ou o profano? Não importa: analysemos cada um por sua ordem.

Entremos na igreja de Santa Cruz. Ahi ouviremos, como obra prima, bem como em todas as igrejas de Coimbra, o *miserere* do José Mauricio, cujo merito, ainda que seja incontestavel, é comtudo exagerado pelos conimbricenses, a ponto de quererem levar sua fama até Londres, onde o archivo musical se acha enriquecido com um grande numero de bellas oratorias, preciosas reliquias do genio de Mozart, coroadas com a magestosa e bem trabalhada *missa de requiem*, que o seu ultimo suspiro deixou incompleta.

Mas já íamos divagando para a biographia do illustre nome musical, que acabamos de citar; sejamos pois mais circumscriptos; e voltemos de Londres a Santa Cruz de Coimbra, onde, em vez d'estas oratorias, executadas com magnificencia e pompa, ouviremos, como já dissemos, o *miserere* de José Mauricio, e o *Te Deum* de Marcos Portugal, como páo para toda a obra, e tudo isto estropeado pelo contínuo uso dos registos, pelo trombetado e flautado do orgão da mesma igreja, que, sendo uma peça rica, e mui pouco vulgar, é comtudo o mesmo, que o não fosse; visto que um grande numero d'esses registos se acham entulhados de lixo e poeira, em razão de não terem servido ha muito tempo, por não haver organista, que os saiba manejar.

Emquanto a cantores, o devoto ainda animado pelas preces da devoção mais ardente, que espera ver excitada ao entoar dos hymnos sagrados, soffre uma decepção horrivel, ouvindo soar do côro vozes rouquenhas, contrafeitas, mal concertadas, e tão contrarias ao effeito dos cantos divinos, como a claridade do dia é contraria ás trevas da noite.

Emquanto ao genero marcial, temos as incansaveis philarmonicas *Boa-união*, e

não sabemos, que outra. Assim as appellidamos de incansáveis, porque tocam nos cavallinhos, nos touros, nos quadros vivos, nas ascensões aerostaticas, nos bazares, theatros, illuminações, festas de igreja, procissões, enterros, etc., etc., menos nos passeios publicos... O seu bombo fundamental, sóa ás vezes desde o alvorecer do dia até o pôr do sol; e, acompanhado do badálo do sino e das bombas fogueteiras, fórma os trez elementos indispensaveis para se mostrar o regosijo conimbricense, quèr publico, quer particular.

Sejamos porém justos e imparciaes: se, principalmente a philarmonica Boa-união, não tem progredido tanto, quanto era de esperar — não é de certo por falta de esforços do seu habil director, mas porque todos se tornam impotentes, quando têm a combater negações musicaes, quando deveres mais sérios os affastam da poesia para o materialismo da vida.

Falta-nos dizer alguma coisa sobre o genero profano: temos a considerar uma especie de charanga, a que chamam *churumela*, que desde D. Diniz se tem exercitado no mesmo repertorio, e apresenta no anno de 1858, como novidade musical a ária da cigana na opera — o *Trovador!*

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

A civilisação na Aldeia.

Viens, ó mon ami! viens, avant que l'été se retire! hate-toi de voir les campagnes dans leur novel aspect.
Le moissonneur arme ses mains, et sous ses coups destructeurs, les épis tombent en foule: le laboureur rempli de joie rend gracias au ciel, par des cris d'allégresse.

Choix de Poésies Allemands. Tom. 2.^o — L'Été.

I.

Era uma tarde de verão; uma d'essas tardes, cuja poesia e encantos, cuja belleza o coração sente, aprecia, arrastado pela seducção, pela melancolia magica, que mansa e subtilmente se infiltra na alma sen-

sivel, votada á contemplação; cujos mysterios e segredos não se atreveria a revellar, se lingoagem houvera capaz de o fazer.

O crepusculo, substituindo os ardentes raios do sol, que escondido se havia por detraz da colina, vislumbra apenas; e o seu clarão amortecido dava á natureza mais um realce de formosura...

Desgrenhada e pallida se levantava a lua por entre a orla dourada e purpurea do horizonte longinquo; e diminuindo em grandeza, para augmentar em intensidade, parecendo pairar, avançava desapercibida, sulcando com seus agigantados passos a a atmospherica, que, fendida, affigurava ondular em volta d'ella...

Lá do meio do incommensuravel espaço, a donzella da noite, a Egeria, inspiradora do poeta e do philosopho, consocia da melancolia e do amor, emittia sua luz frouxa, seu morno reflexo sobre a terra, vestida de verdura, onde as gotas d'orvalho, que da atmospherica se deslisavam sobre a superficie aveludada, assim das rasteiras plantasinhas, como dos agigantados alamos e azinheiras, e sobre o roxo e azul das florinhas do prado, modesto e innocente adeus da rainha das estações, convertia, aquellas, em brancas perolas e em scintiladores diamantes, estas, em saphiras, que a diaphanidade das agoas, deixando-se atravessar do reflexo da lua, combinado com a mimosa côr da bonina, revestia de admiraveis matizes.

A azulada abobeda do firmamento, esse manto recamado de brilhantes estrellas, que esconde, que rouba a nossos olhos o throno, em que se assenta o *Supremo Ser*, parecia mais bello, mais surprehendedor, que nunca...; e toda esta grandeza celeste se retratava no espelho das agoas do rio, que manso se deslisava, ao som do seu solemne murmurar, que servia como de acompanhamento ao trinar mavioso, ás melodias suaves, ás canções amorosas da avesinha, que, postada no ramo do salgueiro, procura o socego do pôr do sol, e a frescura da madrugada, para entoar fervorosa prece ao Todo-Poderoso, e festejar, ebria d'amor, a fidelidade da terna esposa, que na sua pobre e humilde, mas amada habitação, affaga,

aquece no seu seio maternal a prole ainda implume....

II.

Está assentada, na margem esquerda d'esse rio, uma aldêa, que, vestida de simples e grosseiros trages, semelhante á pastorinha dos outeiros, mas respirando innocencia, candura, singeleza, fidelidade, firmeza na crença de seus pais, na fé pura do christianismo, nos principios da religião poetica, consoladora, simples e comprehensivel do *Cruzificado*, ensinada e explicada pelo velho reitor seu chefe, seu pai, seu amigo e protector benefico, se eleva, modesta e risonha, até as denegridas paredes da torre do presbyterio, cujo campanario, coroado de vigorosas eras, vigilia incessante, que junctando sua voz mysteriosa ás harmonias da natureza, adverte os moradores da pequena aldêa, de que ha um Deos no céo, a quem devemos a existencia e a conservação, a quem tudo nos manda tributar amor, reverencia, confiança, gratidão...; e traduzir estes sentimentos sublimes, a maior riqueza do coração humano, em uma expressão, que se harmonise com suas perfeições, e que sirva a corroborar, a acalorar este intimo sentir, a enriquecer este ineffavel peculio do homem virtuoso...

Os sinos do campanario, ou com seu repicar festeiro no dia das alegrias da terra, que chama o céo, que convida o coro dos anjos para exaltal-as, ou com seu compassado e lúgubre dobrar no dia d'afflicção para a familia desolada, quando, ou o tronco, ou o vigoroso ramo, ou a vergontea juvenil, arrancada pelo negro vendaval do tempo e da eternidade, baquêa no abysmo do não ser, e murcha e desbota uma a uma as flores, cresta uma a uma as folhas da arvore domestica, á sombra da qual só o homem pôde encontrar verdadeira felicidade; porque só ahí encantos, ahí alegrias, ahí delicioso sentir!... quando as lagrimas e os gemidos de dolorosa saudade procuram resgatar a alma, que se evapora e se perde nas sombras da eternidade, que lh'a esconde para sempre!... é 'nestes momentos, digo, em que a vida oscila entre os dous termos, que a resumem, que elle leva seus

concertos d'um a outro angulo da aldêa; cada uma de suas badaladas chama um sorriso, excita uma dôr, acorda uma saudade.... É então que o homem do campo acode a prostar-se sobre o pavimento laçado do templo, e a entoar com o coração e com os labios um hymno, uma prece fervorosa, na harpa divina d'uma crença viva!...

III.

Contente com a sua sorte, com as suas coberturas de plumbeas lages, ou de torrado colmo, o camponez vive feliz, mui feliz...: não inveja os dourados tectos dos magnificos e sumptuosos palacios da outr'ora opulenta Tyro, da magestosa Roma, da altiva e mercantil Veneza, com seu affanoso lidar do commercio, da seductora Paris...; a sua sebe de salgueiros e roseiras silvestres, que a primavera enfeita de verdes folhas, e esmalta de variegadas flores, é mais encantadora, mais insuperavel á corrupção, ao vicio, á inquietação d'alma, que os altos muros da mais soberba praça, cujo accesso é para aquelles tão facil; o trinar d'ave innocente, o murmurar entrecortado das transparentes agoas, o coaxar das rãs, o segredar d'humilde insecto, esta musica natural, segundada pelo tanger do sino do presbyterio, e por alguns instrumentos pastoris, não cede, no seu seductor concerto, á roídosa orchestra, que faz retumbar as espaçosas ruas da capital, que se reflecte pelas sinuosidades do magnifico theatro de S. Carlos. 'Numa palavra, a tosca e grosseira carreta de castanho, arrastada por dois possantes bois, substitue, excede mesmo o carrinho tremulante e aveludado, em que se reclinam os nossos barões da moda, ou os que sonham com essa ridicula posição, tirados, *como se diz*, por dous fogosos ginetes, que a vaidade chamou, talvez, d'Arabia ás cidades da Europa.

Aqui o trabalho, a religião, a virtude, só querem, por unica recompensa, o fructo abençoado da terra, a tranquillidade e o repouso d'algumas horas, que a fatigante tarefa d'um bom par de sulcos abertos com o arado, e, quiçá, com os braços do lavra-

dor, regados com o suor copioso da sua crestada fronte, torna necessarias.

À noite a viola, o tamboril e a tosca flauta, com sua cantilena rustica e simples, convida as moças da aldêa e os rapazes ao baile, debaixo da varanda do padre-reitor, que não pôde sustar as lagrimas de contentamento, ao vêr as suas ovelhas brincar e entregar-se ao divertimento innocente da dança, depois d'um dia de trabalho e de fadiga. O pichel vóa d'uma para outra parte; e a alegria, a completa ausencia da angustia, do desassocego, que se gera, e por fim se torna habitual aos moradores de grandes cidades, ao emprehendedor ousado, ao ávido negociante, ao ambicioso magistrado, ao sabio pretencioso, á dama caprichosa, presumpçosa e affectada do salão do baile, se devisam 'naquellas fronte, que só revelam a fé em Deus, o amor ao trabalho, e, 'naquelle momento, o prazer da dança e da cantiga ao desafio, tambem modulada por uma d'aquellas gargantas virgens, através da qual não tem ainda passado palavras infeccionadas pelo halito pestifero da immoralidade, da libertinagem, da devassidão, e do cynismo que vemos, por desgraça, reinar lá onde se diz, que móra o progresso e a civilisação!...

Não nos accusem de inimigos da sciencia e do progresso: rejeitamos o epitheto de retrogrados e visionarios. Não nos deixamos dominar pelas elegias de Eugenio Huzar, mas tambem não nos seduzem as floridas canções da imaginação fecunda de Pelletan.

A sciencia é a voz da razão, da natureza; é a revelação de Deus, symbolo d'elle sobre a terra; a sciencia é o redemptor das miserias da humanidade: o progresso é o filho 'nella incarnado; mas é a sciencia revellada ao homem por Deus, por entremedio da razão, e não da razão perdida e tresvairada nas avenidas do imaginar fabuloso.

Oh! como é bella e risonha a sciencia do lavrador! como passa tranquilla e serena a sua existencia! Estou certo que Descartes trocára a sua duvida por esta sancta ignorancia; Condillac despedaçára a sua estatua; Bacon vendêra o seu *methodo*;

Kant fizera pasto das chámmas a sua *theoria da razão pura*.... por um só momento da tranquillidade e prazer agricola. Ha um pensamento, um livro, que eu não dera por nenhum thesouro da terra, se fosse meu: é o *Parocho d'aldêa* do nosso Herculano.

E. GARCIA.

Documento curioso

No archivo da camara municipal d'esta cidade encontrámos, ha pouco, no *Copiador*, livro 7.º, tomo 1.º, a pag. 180 v., o edital, que em seguida publicamos.

Posto sabermos que já foi dado á luz em um opusculo, impresso em 1769, com o titulo de *Collecção das leis promulgadas e sentenças proferidas nos casos da infame pastoral do bispo de Coimbra, D. Miguel da Anunciação etc.*, entendemos, pela raridade d'este livro, que fariamos algum serviço, contribuindo para sair novamente á estampa aquella famosa peça. E accresce que, no manuscripto d'onde a extrahimos, ha algumas, ainda que pequenas variantes, as quaes em nada alteram o sentido do edicto do tribunal de censura, e são de certo devidas a erros de copistas; mas que para nós foram motivo bastante para dobrar o interesse, que nos moveu.

Aquelle edital é um insulto grosseiro ás cinzas do Padre Antonio Vieira, e uma vingança mesquinha contra a roupeta do jesuita. O Marquez de Pombal precisava, para se firmar no poder, destruir a companhia de Jesus, na qual encontrava um temivel obstaculo aos seus projectos: chegou a occasião opportuna: o attentado de 3 de setembro de 1758 foi a causa verdadeira ou apparente, que allegou o nobre estadista, para se desfazer de seus poderosos adversarios. Expulsou-os do paiz; e como que receioso da sombra do maior vulto, que houvera 'naquella corporação, mandou á real mesa censoria, que condemnasse o livro do grande escriptor. O colosso gigante tinha medo da palavra persuasiva e eloquente do primeiro orador sagrado. Vieira do seu tumulo na Bahia offuscava ainda o brilho do ministro de D. José I!

São bem conhecidos os motivos por que, cento e um annos antes, tinha o celebre Antonio Vieira sido condemnado pela inquisição de Coimbra, depois de jazer 'nella por espaço de dois annos e tres mezes. ¹ Ahi corre impressa a sentença ² d'esse processo monumental, conjunctamente com outra, proferida pelo mesmo tribunal, contra D. Diogo Justiniano, arcebispo de Cranganor, e um dos mais entusiasticos panegyristas do insigne jesuita ³.

Talvez menos o caso das profecias, que as intrigas da côrte de Affonso VI, levassem o douto orador para os carcereiros da inquisição. Antonio Vieira era um engenheiro ardente, ⁴ que então se achava todo entregue ás vicissitudes da politica, preparando o throno para D. Pedro II, de quem fôra mestre e confessor. ⁵ E na côrte de D. Affonso o tribunal da inquisição não seria muito escrupuloso em favorecer os desejos do governo, de se ver livre da influencia d'um tão perigoso inimigo, do homem de quem disse o Papa Clemente X: que *deviamos dar muitas graças a Deus pelo ter feito catholico romano*. Quem o havia desterrado para o Porto em 1662, e d'ahi para Coimbra ⁶ em 1663, não parece muito innocente 'nesta denuncia ao *Sancto-Officio*.

Em tão difficil conjunctura desinvolveu Antonio Vieira os mais subidos recursos da sua grande intelligencia e vasta erudição. Posto incommunicavel; podendo apenas obter papel e tinta nos ultimos tres mezes do seu memoravel captiveiro; sem livros que o auxiliassem; guiado só pelos vôos do seu incomparavel genio, compoz um livro, ⁷ em que tractou *ex professo* quarenta e quatro questões, relativas ao objecto de que o accusaram, provando o que dizia com a Escriptura, com solidos ar-

gumentos e com grande numero de citações; obra que a todos causou assombro, pela stupenda memoria, agudeza de ingenho, e sublime discernimento, que 'nella manifestou.

A um espirito d'estes; a um homem, cujo coração pulsava sempre ⁸ pelo amor da patria; ao *Bossuet* portuguez; ⁹ ao mais auctorizado classico da nossa lingua ¹⁰, era devida uma tal recompensa. Perseguiu-o a inveja em quanto vivo; queimaram-lhe os escriptos depois de morto!

Não pretendemos justificar todos os actos do Padre Antonio Vieira, e muito menos absolver a Companhia de Jesus do ascendente, que ambicionava tomar nos negocios publicos; o nosso fim, ao lançar no papel estas poucas linhas, foi só tornar conhecido um documento de vergonhosissima ingratição para com o melhor mestre da nossa lingua, para com o nosso primeiro orador sagrado, e um dos mais ricos engenheiros de Portugal. Que lhe movessem crua guerra os contemporaneos, tinha natural explicação no ciume, que 'necessariamente lhes havia de excitar; mas, um seculo depois, pedia a justiça, que se respeitasse o vulto venerando, que tanto engrandeceu a patria.

A. J. T.

Maximas e pensamentos.

Duas coisas são precisas ao ignorante para alcançar a reputação de sabio: viver entre os parvos; e ter boa memoria e algum ingenho, para conservar e referir como seu, o que, de melhor, pertence aos outros.

Se uma criança *impertinente*, de 16 ou 18 annos, se arvorar em juiz supremo de vossas acções, ou pretender questionar-vos em materia de experiencia—fazei-lhe os vossos cumprimentos; e enviái-o para a eschola, ou para o cura da freguezia.

N. T.

¹ Breve Resumen de la vida del venerable Padre Antonio de Vieira. — André de Barros, Vida do apostolico Padre Antonio Vieira.

² Esta sentença está tambem incluída nas provas da Deducção chronologica e analytica sob o n.º XLV no 1.º vol.

³ André de Barros.

⁴ Deducção chronologica e analytica, Parte 1.ª

⁵ Antonio Vieira: Carta LXII. 1.º vol.

⁶ André de Barros.

⁷ Breve Resum. — André de Barros.

⁸ Ibid.

⁹ Ferdinand Denis: Histoire litteraire de Portugal.

¹⁰ Francisco José Freire: Reflexões sobre a lingua portugueza, Parte 1.ª

À memoria de minha prima

JULIA EDUARDA D'ARAUJO CRESPO.

Vem, ó lyra, d'ha muito esquecida,
Vem um hymno bem triste entoar...
Companheira de meus soffrimentos,
Vem de novo teus cantos soltar.

D'essas horas ditosas da vida,
D'esses curtos momentos d'amor,
Quebra as cordas fagueiras d'outr'ora,
Troca tudo por carmes de dôr.

Sê o espelho fiel de minha alma,
Traja vestes de lucto e de dô,
Vem comigo chorar sobre a campa,
Sobre a campa de Julia, tão só!

Vem, pergunta, quem foi, que do mundo
'Numa idade tão curta a levou,
Sem ao menos o adeus derradeiro
Dar na terra a quem mais adorou...

Oh! pergunta, meu doce instrumento,
Se ante o throno radiante de Deus
Ella escuta os gemidos, que exhalo,
Que lhe mando nas brisas aos céos?

Se dos filhos tão meigos e lindos,
Que orfãosinhos na terra deixou,
Ouve as preces, pedindo conforto
Para quem triste sem ella ficou.

Diz-lhe, mais, que se á noite, no espaço,
Vejo a lua d'estrellas cercada,
Cuido vel-a envolvida nas nuvens,
Entre os anjos, divina, sentada.

Julia, Julia, do céo, onde habitas,
Ouve os cantos de mágoa e saudade,
Que te envia quem sempre no mundo
Te offertou gratidão e amisade.

Ouve, ó Julia, meus versos singellos,
São mesquinhos, bem sei, mas são teus;
Se na terra por ti fui amada,
Não te esqueças de mim lá nos céos.

Coimbra, 10 de novembro de 1858.

AMELIA JANNY.

NÃO CREIAS!

NO ALBUM DO MEU AMIGO F. D. LEITE SAMPAIO.

Mancebo, coube-te em sorte,
Nos magos jardins da vida,
Por entre risos e galas,
Perpassar co'a fronte erguida.
Por isso é talvez um crime,
Com minhas tristes canções
Ir arrancar a tua alma
D'esse sonhar d'illusões:
— Embora...: só póde est'harpa,
Ao desengano rendida,
Dar-te uma canção nascida
D'entre amargas decepções.

'Neste jardim da existencia,
Matizado de mil côres,
É desatino agras dôres
Vir assim apresentar:
Loucura..., talvez que seja;
Mas, quando a mente delira,
Eu não sei a minha lyra
De flôres engrinaldar:
Minha alma, triste e vergada
Aos golpes do soffrimento,
No livro do sentimento
Só póde um pranto deixar.
— Triste pranto, repassado
Do amargo fel da exp'riencia,
Que eu na taça da existencia
A longos tragos bebi...
Um traço da immensa historia
De tudo quanto soffreram
Os que na mulher já creram
Como eu na mulher já cri...
— Lê esta sentida queixa,
Quando um dia a mão da sorte
Peçar tambem sobre ti;
E oxalá que então, ao menos,
Da vida quebrado o encanto,
Aches allivio no canto,
Que venho deixar-te aqui.

Talvez que a mulher um dia,
Volveu e caprichosa,
Te cinja a fronte orgulhosa
Dos verdes myrtos d'amor.,.

Jámais deixes, esquecido,
A tu'alma descuidada
Viver assim embalada,
'Nesse engano seductor.

Não cinjas essa grinalda,
Que occulta espinhos e dôres:
Essas mentirosas flôres,
Mancebo, calca-as no chão...
— Que a mulher nos dá o inferno,
Promettendo o paraíso,
E esconde por entre um riso
O punhal de uma traição.

Tambem já viveu minh'alma
Um viver todo poesia...
Já de uns olhos na magia
Minha existencia abrazei:
Insensato!... e que me resta
D'esse tão fagueiro sonho?...
— Triste despertar medonho,
Em que traído acordei!

Tu no mundo achar não queiras
Firmeza em seu pensamento;
Nem virginal sentimento
'Nella procures em vão...
Que a mulher, tendo nos labios
Sempre um sorriso estudado,
Ao primeiro, que é chegado,
Dá... e tira o coração.

E quando mostrar amar-te,
Com amor falso e mentido,
Finge teu peito rendido
Ao seu olhar seductor:
E, se o coração voluvel
De novo lhe vires preso,
Responde com teu desprezo
Ao seu refalsado amor;

Que 'nella é tudo mentira...
Mentem seus falsos encantos;
Seus juramentos e prantos
Falsidade tambem são:
Por isso, ao vê-la perdida
Nas garras do soffrimento,
Deixa o negro desalento
Esmagar-lhe o coração.

Talvez, contemplando extinctas
As crenças dos verdes annos,
Não renegues seus enganços,
Como eu d'elles reneguei.
— Ao vêr em dôres trocados
Esses magicos prazeres...
Perdôa tu, se podéres,
Que eu perdoar já não sei.

Perdoar! quem perdoára
Á mulher, que em negro abysmo,
Aos golpes do scepticismo,
A minh'alma despenhou?...
— Oxalá que então não digas,
Co'os olhos no abysmo fundo:
'O teu imperio no mundo,
P'ra mim, mulher, acabou!

Mancebo coube-te em sorte,
Nos magos jardins da vida,
Por entre risos e galas
Perpassar co'a fronte erguida.
— Mas se um dia a mão da sorte
Pesar tambem sobre ti,
Oxalá, que então, ao menos,
Da vida quebrado o encanto,
Aches allivio no canto,
Que venho deixar-te aqui!

Coimbra, 1855.

G.

UM SONHO.

Era noite! Sonhei-me a sós contigo,
Lá pelas horas mortas, quando tudo
É silencio na terra, e eu triste vate
Apertava ao meu teu gelado peito!..
Era noite! E por vezes em teus labios,
Ousado, quiz depôr ardente beijo.
Parecia querer p'r'o teu fugir meu peito:
Não podia fallar, que eu tinha medo
Fallando não dizer o que sentia...
Eu quiz dar-te de fogo um beijo terno;
Mas, quando nos teus labios de marmore
Os meus ía pousar, fugi depressa!
E tu, immovel, qual estatua fria,
Com cynico sorriso contemplavas
Uma victima tua, que vergava
Ao amor, que fingias ter-lhe dado...
Mulher, se nunca amaste, não opprimas

O vate desgraçado! Melhor fôra
 Sempre ter-lhe fechado esse teu peito;
 Não lhe dar com um sorriso a esperança,
 A vida com palavras não sentidas,
 O céo c'um volver d'olhos tão fingido!
 Assim te disse...: tu p'ra mim sorriste
 Um sorriso indiferente! ó meu peito
 Parece não pulsou. Quiz responder-te:
 Minha voz abafada não se ouvia,
 E gelado tremor tomou meu corpo...
 Era dia!... acordei de ti bem longe:
 Parece que sonhei um sonho triste!..
 Que da noite, a horas mortas, quando tudo
 É silencio na terra eu triste vate
 Apertava ao meu teu gelado peito!... F.

Charada.

Sou particula, em grego, mui usada,
 E lettra sou tambem; e no latim
 Ao *in* eu correspondo, qu'anteposto,
 Diz quasi sempre *contra*, e nunca *sim* } 2

Sou uma, sou duas;
 De duas sou uma:
 No todo em que eu entro } $\frac{1}{2}$
 Não sôa nenhuma. } 1

Queres que te cante?
 Dá-me a outra amiga:
 Sem ella não posso } $\frac{1}{2}$
 Tecer-te a cantiga. } 1

Quando pelo infante
 Eu sou repetida,
 Nomeio-lhe aquella, } 1
 Que d'elle é mais qu'rida. } 1

Da linda e matizada borboleta
 Em meu seio recolho beijos mil,
 Quando os campos cobrir de varias flôres
 A primavera vem no mez d'Abril.

N.º 1 — *Novello*.

EXPEDIENTE.

Havendo-nos sido remetidas algumas
 charadas, sem a correspondente significa-

ção; bem como alguns escriptos, sem a assignatura do proprio auctor:— declaramos, que esta redacção decidiu não dar publicidade a qualquer escripto, que lhe fôr enviado, sem aquellas condições; embora o nome do auctor, quando o pedir, não tenha de acompanhar no jornal a sua producção. O mesmo declaramos a respeito de *maximas* e *pensamentos*, que tambem não serão publicados, sem que os acompanhe ou o nome do que os enviar, quando forem seus, ou, não o sendo, o da obra ou do livro d'onde foram extraídos.

Ficam em nosso poder muitos escriptos em prosa, e verso, que irão vendo a luz publica, segundo a sua precedencia na redacção.

Pedimos aos ex.^{mos} srs. assignantes dos *Preludios*, que não paguem, em Coimbra, a importancia da sua assignatura, senão á vista de recibo nesso.

Muito agradeceríamos ás Redacções, a que temos enviado o nosso jornal,— se, em cambio, nos remetterssem os seus.

A UNIVERSIDADE FECHADA

ou

UM ESTUDANTE SEM DINHEIRO

Comedia em um acto.

Assigna-se nas lojas de livros da Imprensa da Universidade, e na de Orçel, rua das Fangas;— no *Restaurante*;— e em casa dos cabelleiros Anastacio, rua do Norte; e Sanches, rua de S. João.

Preços: para os srs. assignantes 120 rs.; não assignantes 160 rs.

Recommendâmos, da melhor vontade, esta nova producção d'um artista de Coimbra, que estimamos, como a todos os artistas. Oxalá que ella possa ser tão bem recebida, como lh'o desejamos.

V. DA SILVEIRA.

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

PRELUDIOS-LITTERARIOS

III

Meditação e trabalho; impressões faceis e ardentes; desejo e esperanças; amizade e prazer; liberdade e progresso; gratidão e amor; Deus e religião — eis em que se resume toda a actividade do estudante,— eis as idéas, os sentimentos, que mais predominam 'numa sociedade formada de manebos, de dezoito e vinte annos,— sociedade como são todas aquellas, que o amor das sciencias, das letras, das artes, ou do bello tem espontaneamente organizado alli, onde a civilisação conseguira levantar seu throno de luz, d'aspirações ao aperfeiçoamento infinito.

Debalde a ambição, a inveja ou o despeito têm procurado introduzir 'nellas o odio, a vingança, e todos esses sentimentos terriveis, que devoram o homem enleado já em mil paixões violentas e lascivas,— corroído pelo uso, pela velhice...

¡Debalde!

Porque, se esses sentimentos algumas vezes têm penetrado até o coração do mancebo, na idade, em que o considerámos, os seus effeitos têm sido rapidos e passageiros; e as impressões, que alli têm deixado, em breve o sópro divino das virtudes, que se lhe abrigam no peito — as têm dissipado, como a fresca viração do nordeste dissipa as negras tempestades, que se formam nos espaços... Apenas um remorso lhe fica em quanto dura a expiação da falta commettida.

Essas gradações, que separam os homens nas outras sociedades; essas honras ephemeras, que umas vezes têm por fundamento a corrupção, o roubo, o crime...

1859—Janeiro

outras a virtude, que perde toda a sua sanctidade, todo o seu *prestigio*, desde que um premio, ou uma recompensa a traduziu em linguagem vulgar e commum, ou lhe deu uma fórma material e lucrativa — não desuniram ainda a nossa associação...

O mesmo vestido nos cobre os membros, nos abriga do rigor das estações,— nos nivela a todos...: os mesmos habitos e costumes, os mesmos prazeres, os mesmos gozos, as mesmas penas nos prendem, nos identificam, nos fazem vêr em cada collega, em cada condiscipulo um *irmão*, sem mais direitos e obrigações uns do que os outros, — todos filhos do mesmo pai — DEUS —; todos ramos da mesma arvore — *Adão e Eva*...

Se folgamos, se a felicidade nos sorri,— quizeramos ver folgar os outros; quizeramos derramar sobre sua existencia parte egual d'esses bens, que ella nos offerece, e que não sabemos, nem podemos gozar sós. Se soffremos, a nossa dôr vai pesar sobre o seu coração sensivel, e arrancar-lhe do peito um brado de lástima,— como se a mesma alma animasse ao mesmo tempo todos esses corpos, cuja *identidade* já instinctivamente nos tem tornado caros...

O trabalho não é para os estudantes das universidades, ou escholae superiores, uma pena, ou um martyrio, como o consideram os *velhos economistas* e outros: o seu espirito, ainda *puro e transparente*, como um sorriso de Deus,— percorre-lhe todos os seus membros vigorosos, doces e flexiveis, e lhes imprime movimentos d'uma celeridade assombrosa, que o homem já mirrado, endurecido, *ossificado* pela devassidão dos costumes, ou pela velhice, que o annulla, tem traduzido, para absolver a sua

N.º 3

immoralidade, a sua inercia, a sua esterilidade, em fim, — por loucura, devaneio, irreflecção, falta de experiencia, — *creancice*...

O trabalho é, portanto, uma *acção necessaria* para a sua existencia, — é um gozo, um prazer...: a sua ausencia seria o aniquilamento de todas as suas faculdades: a prova — ide-a procurar na alta sociedade, 'nessas pobres crianças, enfezadas, rachyticas, que a ignorancia, ou a vaidade dos pais, tem condemnado á mais completa inacção sobre moles tapetes e estofados canapés — á guisa de *cão de regaço* de beatifica marqueza, ou de enriquecida e retirada costureira...

Dóe-nos o coração ao ouvir o falso juiso, que a este respeito se atrevem a formar de nós certas gentes, que, com ares hypocritas e santarrões, cheias de fátuas pretenções, recheadas de louca importancia, — gentes habitualmente de colarinhos tesos e lenço branco no pescoço, que navegam por este mundo sempre mergulhadas em enorme e asquerosa caixa de rapé, e que vêem 'num cigarro ou 'num charuto a immoralidade, o vicio..., sem se lembrarem de que o cigarro e o charuto só differem do rapé, em que aquelles servem para satisfazer o *apetite* do gosto, este o *apetite* do cheiro..., e que a final tudo é *tabaco*...: dóe-nos o coração, dizemos, ao ouvir o falso juiso, que a este respeito se atrevem a formar de nós esses *parasitas*, que só recebem o seu brilho da mocidade, que os rodêa, e de que elles não podem desprender-se, sem murcharem de todo, e caírem no abysmo do nada!..

Segundo uns, o estudante é o homem preguiçoso, indolente — por excellencia...; que arruina a familia com despesas inuteis; que consome metade da vida a dormir, e a outra a comer, a jogar, a fazer piroetas...

Segundo outros, — tudo 'nelle é *necessidade*: estuda, porque o *mandam* estudar; pensa, medita, porque é *preciso* que pense, que medite; diverte-se e goza, porque o *deixam* divertir-se e gozar; sai de casa, vai para as aulas, e torna a entrar em casa, porque a *cabra*, um bocado de bronze, em fórma de sino, assim *lh'o ordena*; come

e bebe, porque a familia lhe dá de comer e de beber; dá ao pobre uma esmola, ao infeliz uma consolação, na servente um pontapé, porque é *prodigo*, *inexperiente* ou *malcriado*...; em fim, o estudante é um homem sem imputação, sem dignidade propria, sem vontade, sem espontaneidade... é um automato — é uma *coisa-romana*....

¿Que faz o estudante em Coimbra?... Vêde-o: elle ahi vai, mui satisfeito da sua vida, com os livros debaixo do braço, atados com a sacramental fitinha encarnada, azul ou amarella, e ¿quem sabe? com as folhas ainda unidas e empastadas, como se acabassem de sair da imprensa da Universidade (onde os não compraria, aqui entre parenthesis, se a lei, a dura lei, lh'os não impingisse)...

Eil-o ahi vai, o maganão, rindo-se de tudo e para todos; e lá entra na aula, senta-se no banco da *tarifa*, tira do bolso um romance, uma historieta, um drama, uma comedia, uma coisa qualquer, que não seja compendio, e que tenha nas costas um nome bonito, poetico, *ultramontanista*, revolucionario... um A. Kar, um P. Janet... um *Proudhon*..., e lê.

O lente abre a pauta e começa a explicação do dia; o bedel aponta as faltas dos que ficaram na cama...; e o estudante, sempre preguiçoso, sempre indolente, e tudo que lhe quizerem chamar..., continúa impassivel, lendo o auctor favorito, ou cavaqueando com o seu visinho sobre os jornaes da vespera, a *Instrucion Publica*, de Madrid, por exemplo, em que um dos seus illustres e amaveis redactores se serviu tecer o mais lisongeiro cumprimento, que podéramos ambicionar para as nossas publicações; ou o *Nacional do Porto*, em que o seu correspondente de Coimbra, provavelmente algum *estudante de medicina*..., não póde levar a passo, que um dos redactores dos PRELUDIOS-LITTERARIOS tenha visto em certa noite a pobre lua, *pallida e desgrenhada*..., como se a lua não tivesse cara e cabelleira, e um coração capaz de sentir as miserias d'esta terra!..

Entretanto o lente conclue a sua prelecção; chama *ao acaso* um dos taes preguiçosos e indolentes, que apenas desperta

para lêr uma *sebenta*, ou dizer quatro coisas, que as mais das vezes têm tanto com a materia sujeita — como um romance de Paul de Kok com o cathecismo da doutrina christã...

V. DA SILVEIRA

Apanhâmos ao seu auctor, o artigo, que em seguida transcrevemos.

Não lhe valeram súplicas, nem ameaças...

O amigo é sempre facil em perdoar, e tanto mais, quando *tem a certeza*, de que o mal, que elle *teme* — é um bem que lhe procuramos; — um bem, se é um bem para uma alma franca, generosa — e modesta alguns elogios mais, que lhe vamos colher no campo da imprensa.

V. DA SILVEIRA

Amigo redactor: — Agradeço-vos infinitamente a honra que me fazeis, convidando-me a collaborar no vosso jornal. Mas, sinto dizer-vol-o, não viestes bater a boa porta. Podeis entrar quando quizerdes (e até 'nisso me dais summo prazer); mas ficai certo que não encontrareis coisa com geito. Abri todas as *gavetas*, correi tudo; e dou-vos licença para publicar o que vos parecer.

Mas não quero dar-vos esse trabalho: — eu mesmo vou fazer essa especie de *viagem á minha gaveta*. Se não sair tão engraçada como a de X. de Maistre em volta do seu quarto (Provavelmente não saí), pelo menos ha de ser mais verdadeira. Vou dizer-vos tintim por tintim o que apparece na minha gaveta da direita. A da esquerda fica para segunda viagem.

Um metro de marfim!

Já se vê, é um traste muito util — e até bonito; — mas para o nosso proposito.... não vem a proposito, na verdade. Vamos a outra coisa. Mas... perdão! um metro póde ser muito necessario na redacção de um jornal, que admitta poesias. — Notai que fallo no plural. Quando passar á gaveta da esquerda (É a da papelada), se por lá encontrar alguns versos (Fallo ainda no plural, pois bem sabeis, que eu não faço verso), prometto-vos que os não poupo; —

pelo menos hão de ficar todos com o mesmo comprimento.

Precisais lá do metro?..

Agora um pedaço de borracha para apagar lapis... Tambem serve, e muito. Quem ha ahi que escreva alguma coisa, que mereça lêr-se, que não apague aqui, risque acolá, acrescente 'numa parte, e emende 'noutra? Horacio já dizia, — desculpai a citação —

..... Carmen reprehendite, quod non
Multa dies, et multa litura coercuit, atque
Perfectum decies non castigavit ad unguem.

Já vêdes que sou de opinião contraria á do correspondente do B. Tisana. Ainda não desgosto de versos em latim. Assim eu soubera alguma coisa mais a lingua de Virgilio, que é moda agora ter em menos, alardeando-se até a sua ignorancia, como prova de grande espirito... (De grande tolice, direis vós talvez, amigo redactor.)

É a borracha?! É verdade a borracha... póde servir na redacção para apagar alguma coisa das que vos escrever, que mais vos desagrade. Se vos parecer apagai tudo, e escrevei por cima alguma coisa vossa, que 'nisso lucrarão os leitores do jornal; e deixai ralhar os compositores, que embirram com os riscos e entrelinhas do *original*. — Fallo typographicamente. — Tambem elles já embirraram com Balzac por egual motivo.

Em conclusão remetto-vos a borracha.

Agora um christal de quartzo!

É um brinco da natureza; e é bonito realmente. Tão bem talhado, tão limpido, tão christalino em fim... É verdade, christalino!.. É um lindissimo adjectivo: aguas christalinas... dentes christalinos... até espirito christalino! O nosso bonissimo A. Ferreira — o bonissimo vai por conta d'elle — não escreveu uma pagina em que não empregasse o adjectivo christalino, a sua meia duzia de vezes, pelo menos, — sem exageração. É valha a verdade, Camões tambem não desgostava.

Em fim o christal é poetico.

O que apparecerá agora?

Um repertorio do anno de 1854! Já fica muito atraz. — Passemos adiante.

Uma caixinha com pennas d'aço! Isto

sim, vem a proposito: a penna com que escrevo está já bastante romba. — Estou desconfiando muito que não é só a penna!.. (O ponto d'admiração é modestia).

Um rôlo de picadilho!

A respeito de picadilho, de tabaco, de charutos e cigarros... não digo nada. Seria uma *sem-saboria* depois das pragas, que rogo aos do contracto o sr. C. Castello-Branco. E bem haja elle!

Agora vem um baralho de cartas já usadas!

Era um lindo thema para uma dissertação sobre os perigos, e mil e um inconvenientes do jogo. Mas deixemos isso. — Em todo o caso, amigo redactor, sabeis que não gosto de jogar. — Faço de vez em quando a minha *paciencia*.

Vejo agora que é impossivel levar ao *cabo* a minha viagem. Não por temer que me saia do canto da gaveta algum adamastor de bôca negra e dentes amarellos (Não cabia lá, é bem claro); mas porque seria um nunca acabar, se pretendesse não já descrever, mas catalogar ao menos os diversissimos, esquisitissimos objectos, que se encontram — *pêlé-mêlé* — nesta pequena arca de Noé.

Em fim, e em resumo, bilhetes de visita, obrêas entornadas, um sinete, mil coisas sem nome, e lá no fundo um maço de cartas (a maior parte da familia), e nas quaes se prova por muitos argumentos, que é possivel e até facil viver um estudante em Coimbra, e muito á grande, com dez ou doze mil réis de mezada. Que venham para cá, e verão. Parece impossivel! Pois não sabem, que, em dias de musica no jardim, é indispensavel o charuto de pataco, a botinha de polimento, o cabelo penteado pelo mestre Henriques, e mil outras coisas, que seria fastidioso enumerar aqui?! E depois a assignatura da Estrêa, dos Preludios, das Gatas (Metamorphoseadas), que ahi lêem sofregamente, não custam nada aqui?! Lá com isso não contam!

Desculpai-me, amigo Silveira, estava imaginando que escrevia uma carta á familia, em resposta ás muitas, que todos os dias recebo, e cuja amabilidade pela réplica podeis avaliar.

Continuemos pois, ou antes acabemos a nossa viagem.

Alviçaras! No *verso* d'uma carta parece-me que vejo uma *poesia*: — pelo menos são umas poucas de linhas, que todas começam por letra grande. Vejamos pois. Ora adeus! É uma charada.

Emfim, lá vai; (Mas não vos esqueçais do metro).

D'est'arte começando um genio illustre,
Qual raio fulgiu na Europa em guerra:
Porque 'nella acaba inclito guerreiro,
Famosa acaba assim longinqua terra. } 1

É dos anjos o céu, na terra o homem,
Até mesmo Diogenes, abriga:
Busca-me no covil a bruta fêra,
E a ave tambem na selva amiga. } 3

Agora a respeito de conceito, meu amigo, — *caret*. Está escripto a lapis, e nem o diabo é capaz de o lêr. — Parece que andou por lá a *borracha*.

Vou folhear alguns livros de poesias, que tenho sobre a mesa, a vêr se depáro com alguma coisa, que sirva *ad hoc*. Eu cá por mim não me metto 'nisso. — Nunca fiz verso, já o sabeis.

Inveni, inveni! Cartas a Emilia sobre a mythologia, pelo mimoso poeta Demoustier:

Lá beauté d'un front sévère
Ne peut pas toujours s'armer.
L'on est faite pour aimer,
Quand on est faite pour plaire.

Pois é o conceito!

Antes de passar á gavêta da esquerda não resisto á tentação de vos dizer que, junctamente com o *metro*, com a *borracha*, com o *christol*, com o *repertorio*, com as *pennas*, com o *picadilho*, com o *baralho*, com os *bilhetes*, com as *obrêas*, com as *cartas*, com a *charada*, emfim, com muitas outras coisas, achei tambem um pataco falso.

Este roteiro da minha viagem fez-me lembrar agora, meu caro Silveira, uma especie de *lenga-lenga*, que tantas vezes me repetia minha avó para demonstrar *soriticamente*, que a agua é o mais forte dos elementos da natureza. É um engraçado apólogo. Lembra-me, como se lh'o ouvisse ainda hoje. Era uma formiga, que ella pu-

nha em scena, e a qual dizia assim, depois de ter dito muitas outras coisas: — *a agua apaga o lume, o lume queima o pau, o pau bate no cão, o cão morde no gato, o gato apanha o rato, o rato fura a parêde, a parêde tem mão no vento, o vento espalha a nuvem, a nuvem encobre o sol, o sol derrete a neve, que meu pé prende.* — E a agua era o mais forte! — Seguramente, a formiga não sabia o que era o vinho.

Mas, amigo Silveira, vitór-serio, — isto da minha avó é só para nós. Usai da *borracha*, — se é que não quereis fazer *bexiga*.

E com isto perdi o fio ao discurso.

Parece-me que estavamos no pataco falso. Já se sabe — idéas associadas — pintos falsos, notas falsas, Brasil, commendadores, condes, barões. Mas também não vem a proposito; e por isso fecho a gaveta, sentindo principalmente não ter lá encontrado aquillo, que vence todas as guerras, na opinião d'um illustre general, — o rei do mundo, como agora lhe chama também outro *patusco*. — Eu creio que me faço entender. . .

E fechando a gaveta, fecho também esta carta, que já vai longa em demasia. Não vos peço por isso desculpa: foi por obedecer-vos, que fiz esta viagem, e vos impingí esta enfiada de disparates. E o peor é que por fim de contas — nada, absolutamente nada, que vos possa mandar para o jornal. Desconfiu que na segunda viagem me aconteça o mesmo. Mas em todo o caso bóto-me aos mares, isso bóto. Se naufragar estou certo, que me haveis de acudir. No entretanto a chamma do vosso candieiro deve ser o destino d'estas poucas folhas, que escrevi só para vós. Não sejais tão barba-ro, que as guardeis na vossa gaveta. Antes não ter lá nada.

Vosso . . .

T.

Sr. redactor: — Agradeço cordealmente o convite, que me fizestes para collaborador do vosso periodico. É uma mercê, que me honra, e que não posso recusar. Recebi pois verdadeiros agradecimentos, como pe-nhor da minha gratidão.

Lembro-me de ter lido algures, que a historia de certos factos, passados no seio da familia, póde tornar-se fonte de profi-cuas lições. O insignificante livro, que vos remetto, posto que pobre, para preencher o fim, que na vossa carta assignastes aos meus escriptos, está em harmonia com este pensamento, a meu ver, justamente conce-bido.

Podia, sr. redactor, enviar-vos algum escripto, em que apparecesse tractado mal, certamente, algum ponto dos muitos, em que abundam as materias, que tenho estu-dado para as aulas. Porém remetto-vos o presente livro, porque alguns amigos, que o leram, me pediram lhe dêsse a primazia na publicação. Accedo agradecido aos seus rogos; ahi o entrego á estampa, sem emenda nem melhoramento. Dou o que tenho, e o que posso.

Foi para me distrahir de horas tormen-tosas, que o escrevi durante as ferias do anno lectivo passado. Permitti-me, senhor redactor, que, a este respeito, eu vos escre-va ainda algumas linhas.

Uma doença longa e perigosa, que me tem trazido a vida com aturado risco, obri-gou-me, em junho d'este anno, a voltar á patria, para nos ares d'esta eu beber mais saude. Infelizmente, quando contava reali-sar as minhas esperanças, — alegre abraçar a familia, e restabelecer-me, — fui procurar novo martyrio; fui quasi assistir ao fechar d'um tumulo, que me roubava a pessoa mais carinhosa; tumulo, que eu tinha de respeitar, e sobre que devia chorar lagri-mas da mais viva saudade, e profunda gra-tidão. — Deus fôra servido chamar ao somno eterno a minha muito querida mãe.

Bem sei, que a ninguem importa esta infelicidade; mas liga-se ella tanto com o livro, que vos remetto, que a não omitto, pedindo desculpa por apresental-a.

No meio da afflicção, que me causou o perder a mulher, que a Providencia fez mi-nha mãe, procurar em qualquer distracção lenitivo para a angustia era natural. Foi então, que entreguei á reflexão do meu es-pirito, caso que me fôra contado por alguns amigos: d'aqui nasceu o livro, que intitulei *Vicio e Virtude*, que vos remetto, pedindo

para elle a vossa indulgencia, e a de todos os que se derem ao trabalho de o lér.

Contei o caso, porque o achei digno de memoria, celebre e exemplar; mas contei-o sem offender aquelles, que lhe andam ligados. O público saberá dos factos, simplesmente: é quanto basta.

Mathilde não póde arguir-me, por haver eu descripto muitos dos passos de sua vida,—as suas alegrias, as suas horas de afflicção, o seu arrependimento. A mulher, que, outr'ora desviada do caminho da virtude, voltou a este, é digna de que os homens a tenham na conta dos bons; porque uma justiça mais absoluta, do que a nossa,—a de Deus,—lhe perdoou pela contricção.

Como desgraçada, respeitei-a. A desgraça algum tanto semelhante á morte, percorre muitas vezes a triste e acanhada habitação do pobre, e algumas tambem os palacios soberbos do rico e poderoso.

Sob os nomes de Pedro e Augusto encontrará o leitor typos de verdadeira dedicação para com o infeliz, verdadeiros heroes de nobres e elevadas acções.

É o que posso dizer do meu livro, o qual, posto que despido de valor, tem um fim, que me não traz remordimentos de consciencia.

Ahi o tendes pois, e a boa, embora pobre, vontade do auctor.

JAYME C. MONIZ

VICIO E VIRTUDE

Presagio

Lembro-vos minha tristeza,
Que jámais nunca me deixa.

CANÇÕES — Rimas.

I

—Se soubesses Luiz, se imaginasses, apenas, quanto soffro; se sentisses a tristeza, que me afflige, não te ausentarias.

—Affigura-se-me um futuro todo de desgraças! Cuido que nunca mais te verei; que esquecerás a tua Mathilde, a nossa bella filhinha, symbolo de nosso immenso amor! Affigura-se-me que, após a partida, terás para nós ¡oh! o esquecimento apenas!!

—Não receies, Maria; não me esquecerei

de ti, nem de Mathilde. Vou partir, para que sejas minha esposa.

Para que me possas chamar teu marido, é mistér esta ausencia. É o preço custoso por que havemos de comprar felicidade sem limites! Após a partida, terei para ti e para a nossa filha, não o esquecimento, mas a saudade.

Quem é Luiz? quem é Maria? perguntará o leitor?

Respondemos já.

Luiz era um moço oriundo de familia honrada, embora pobre; nascido em uma das bellas cidades do nosso Portugal. Não conhecêra mãe, porque a mão da morte, mão destruidora, lh'a roubára, quando a liberalidade da Providencia o trouxera á luz; aos vinte annos perdêra aquelle, em quem concentrava todos os seus affectos. Luiz estava orphão de pai e de mãe.

Accolheu-se então a um parente remoto, alma bemfazeja e generosa, que não negou ao pobre orphão asylo e consolações.

Destinava-se para o commercio, quando o seu paiz se ía a pouco e pouco tornando theatro de sanguinolentas scenas.

Era em 1832. O enthusiasmo, que tomára pela causa da liberdade, levou-o a alistar-se no exercito do rei soldado, não obstante as muitas reflexões, que lhe fizera o seu parente e amigo, para o dissuadir de semelhante passo.

Apenas o havia feito, já Luiz militava nas fileiras liberaes. A sua coragem, o seu valor, e, sobre tudo, o amor ardente, que dedicava á patria, talvez porque esta viera substituir a mãe, que elle perdêra, tornaram-no conhecido entre os camaradas, e haviam-lhe ganho, além d'um bom posto, a então famosa (hoje não sei qual seja o seu valor...) condecoração da Torre e Espada, Valor, Lealdade e Merito.

Soldado, nunca o seu peito temêra as ballas inimigas; e ultimamente alguma houvera, que lhe não respeitára o valor. Na peleja, por entre ballas a mil, por entre cadáveres de irmãos e de amigos, com a morte sempre ao lado, Luiz batalhava á porfia.—Ávante soldados!—eram as unicas palavras, que soltava no ardor da lucta.

Após ella, embora victorioso, ficava tris-

te e pensativo, até que o toque marcial o viesse despertar, para nova ceifa de vidas.

Por que razão tanta tristeza no homem de valor, no soldado corajoso e bem visto? Perguntai-o a quem perdeu pai e mãe. Perguntai-o ao combatente sempre receoso de que, na ultima peleja, se perca com ella a causa que defende, e a liberdade da patria. Perguntai-o áquelle a quem crua necessidade obrigou a lutar contra a vida d'um irmão, d'um amigo, porque a sorte, talvez, ou a razão, os não identificou nas mesmas crenças!

No combate, Luiz era um raio de exterminio: fallava-lhe o seu dever de soldado: após elle era, antes que tudo, homem, e como tal, chorava e gemia juncto de muitos, a quem servia de leito de morte já a terra, sobre que tinham cahido banhados no proprio sangue, já os montões de cadaveres d'outros, que, mais ou menos felizes, quem sabe, os haviam precedido no partir d'este mundo!!

Que agonia, que dôr para aquelle, que não traz soffocado o sentimento do amor para com os outros, quando, em lucta encarnçada, tem de desobedecer-lhe! É nova peleja, que se trava no intimo d'alma, e em que se combatem, a qual mais, um sentimento gravado por Deus no coração humano, e uma necessidade dura!

A sociedade, sem distinguir, chama covarde, ao que se deixa vencer pelo primeiro!

Comtudo, mal se ouvia a voz de fôgo. Luiz deixava os mortos e corria na frente de seus camaradas; então parecia não ser já o homem, a quem doía n'alma a sorte infeliz de seus irmãos, mas o symbolo da destruição, o mais terrivel ministro da morte, o soldado cêgo pela causa, cujo defensor era.

Depois de porfiadas e tenazes acções os soldados de D. Pedro haviam, á custa de sangue, sacrificios e extremada coragem, completo a sua missão. Á patria cumpria agradecer-lhes: a alguns agradeceu com a fome e com a miseria!!

Luiz deixou então as armas, e, cheio de gloria, condecorado, voltou á casa de seu parente.

O pobre velho já não existia; e as suas

ultimas disposições eram prova authentica da amisade, que tinha áquelle, que o deixára, para ir offerecer a vida ás ballas. Quando Paulo (filho do bom do velho) começou a contar como e quando se finára seu pai, corriam dos olhos de Luiz muitas lagrimas, e de cada um dos de Paulo pendia aturado fio d'ellas. Este dizer de lagrimas (mudo e silencioso) traduzia-se em longo dizer de palavras, menos expressivo, por certo, como o leitor bem sabe.

Pouco tempo permaneceu Luiz com Paulo. Ardor de ganhar vida o levou segunda vez para longe da habitação d'este. Foi residir para uma aldêa, pobre, como costumam ser todas, das festas e prazeres das cidades principaes, mas rica de tudo quanto melhor ajunctar póde a natureza.

Mimoso olhar de gentil donzella attrahira a attenção de Luiz; e mais tarde passava elle horas, curtas, como costumam ser para amantes, em larga conversa com ella. Contava-lhe os seus feitos de soldado? que lhe dizia? Não o sei; não o sabe ninguem.

Só sei que ambos se amavam do âmagô d'alma; e que Maria (assim se chamava a moça) era uma das bellezas, que enriqueciam a aldêa. D'este amor, que os fascinára, puro nas intenções, nasceu Mathilde, que extremamente se parecia com seu pai. Mas Luiz não era esposo de Maria; o altar não interviéra para sancionar a união d'ambos; e era mister que intervisse. Tornára-se porém preciso, que Luiz cuidasse primeiro do real e necessario da vida. Esta necessidade obrigava-o a ausentar-se da mulher, que amava, e da filhinha, para ir á capital apresentar os seus feitos de soldado, e a divida em que lhe estava a patria; divida, para cuja solução exigia elle apenas um emprego, que vagára na aldêa.

D'esta ausencia nasciam, para Maria, receios que a affligiam. Affigurava-se-lhe um futuro triste. Proximo á partida de Luiz disse-lhe tudo quanto presagiava. As palavras de que então se serviu, formam o começo d'este capitulo. Mentiria o coração presago da mulher, que Luiz devia esposar? É o que o leitor saberá, se quizer dar-se ao trabalho de lêr o proximo capitulo.

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

A civilisação na aldêa

IV

A noite abria o seu seio carinhoso e afavel aos infatigaveis camponezes, que, havendo trabalhado todo aquelle dia, vinham, ao cair da tarde, colher o premio do seu lidar incessante.

Era o dia da malhada do tio João Bento, rico proprietario da aldêa, a quem seus pais haviam legado uma boa *receita*, adquirida á custa do seu trabalho, e que, reunida aos bens, que elle alcançára durante o curso de sua vida, o fazia um dos maiores *ricalhões* da pequena aldêa, como lá dizem.

Os seus modestos operarios, suspendendo os *mangos* nos ramos dos castanheiros, e as moças, depondo as *espalhadouras*, com que haviam amontuado a palha, que, sobreposta em camadas, compõe a *meda*, que no inverno serve de guarida aos pardaes damninhos, quando perseguidos pela chuva e pelo temporal, e ao trabalhador para varios usos domesticos — vinham, formados em álas, compondo uma comprida e elegante cadêa, cujos elos eram seus braços denegridos pela acção continua d'um sol ardente.

V

Do meio d'esta pobre, mas feliz gente, se elevavam caprichosos córos, que ao som da flauta e do tamboril, garganteavam; deixando apperceber, de intervalo a intervalo, alguns versos estropeados d'essas mimosas e simples canções populares, que tanto immortalisaram o nome de Beranger, e que o nosso Garret tão bem soube colligir, e a que o povo dá o nome, conforme o seu sentir e entender de — *Silvaninha*, *Conde-ninho*, etc.

Chegados que foram ao sitio da *Portella*, onde o tio João os esperava e mais a sua classica consorte, um vivorio de alegria se fez ouvir; e as vozes se animaram, recresceram, elevando-se aos ares d'um modo frenetico e enthusiastico; e os instrumentos

agrestes subiram, pelo menos, uma oitava na sua sempre a mesma cantilena, — modificação unica, que no atravessar de tantos seculos experimentavam, como *canto-chão* da primitiva igreja.

— Bem vindos sejais, rapazes! gósto de vêr-vos folgar assim. Bom era que fosseis tão assiduos no trabalho, como o sois em dar á pernetta... Apóste que estais dispostos a dançar até lá para essa madrugada! Como amanhã é dia sancto..., — disse o tio João para os seus bemvidos, com esse sorriso bondoso, que caracteriza o homem de consciencia pura, e de coração limpo, dando duas coliadellas á sua cabeça branca, como se houvera dormido ao relento 'numa noite de nevada.

— Deus e a Virgem o guarde, e lhe dê felizes noites! — gritaram os *malhadores*; e um d'elles continuou:

— Diz vocemecê, tio João, que somos mais *aquella* em dançar, do que em trabalhar! Eu estou vendo, que póde estar muí descontente! Ha oito dias que começámos a sua malhada; e eil-a ahi hoje concluida! Lá elle, nos seus vinte e cinco, apóste que era mais deligente...

— Valha-te a Virgem, Bernardo! Ora diz o sr. padre prior, que nem tudo se deve tomar ao pé da letra, — tornou o tio João com ar pachorrento. — Eu bem sei, que trabalhastes, e com alma; mas a gente, como lá diz o outro, tambem ha de dizer a sua graçola... Vamos, péga lá o pichel. A adega está aberta: toma, reparte com os teus companheiros: vós todos sois meus amigos. Viva a bella sucia! Viva a bella rapaziada, e mais o nosso padre prior, que Deus guarde e conserve largos annos! Espero-o cá esta noite, assim como o capitão-mór e a sua sobrinha: elles não podem tardar. Hoje ha de aqui haver mosquitos por cordas... Vamos! toca a rir e a saltar; e adeus cuidados, que o mais é historia; e viva a bella sucia!

Vozes confusas repetiram: Viva! viva!..

VI

Entre a multidão, que cantava e dançava, o que mais se distinguia era o Vicente Ro-

drigues, o melhor pimpão, na phrase moderna e polida,—o melhor janota da pequena aldêa. De espaço a espaço se ouvia uma voz argentina e suave: era a da Antonia de Jesus, que, segundo diziam as más linguas, trazia os seus contractos amatorios, mas innocentes, com o bom do Vicente.

Esta voz espalhava na atmospheria uma tão doce harmonia..., que nem as serêas no mar! — como dizia a tia Anna, para quem a Antonia de Jesus era os olhos da sua cara, a outra mulher, já velha, que se achava a seu lado.

—Ó senhora Amalia, olhe para a minha Antonia... Que bem se menea! Assim Deus faça bem á minha alma, e me livre do olhado de quem me quer mal, como a rapariga leva as palhinhas a todas as da aldêa, até, eu sei... até á sobrinha do sr. capitão-mór: é bem certo!

—Muito aquella deveis ter com a vossa affilhada! Assim lhe seja a sorte, como é formosa. Ainda o outro dia estivera dizendo ao meu Francisco, que *aquaso* que tinha algumas parecenças com a sobrinha do capitão...

—E que lhe parece essa gente por ahi a levantar falsos testemunhos á pobre rapariga, que vai todos os dias á missa; que se confessa no dia de S. Braz e de S. Bartholomeu, que é o sancto do nosso lugar; e, diz o padre prior, que é a que sabe mais doutrina cá na terra?! Deus me perdoe; mas melhor fóra, que olhassem para si! Eu não sou de mexericos; e nunca o fui. Lembro-me ainda do que meus pais me ensinaram: — quem tem telhados de vidro não atira aos do seu visinho...

—Isso é bem certo, senhora Anna... Ha pessoas, que só vêem os argueiros nos olhos dos outros...: têm a pelle do démo; e querem cobrir-se com o mantêo da Senhora! Se vocemecê soubesse ametade do que eu sei... deitava as mãos á cabeça! Olhe que os tempos já não são o que foram... Na minha criação! olha lá! espera, que já assim era!... não havia nem se via, o que hoje se vê...

—Ainda a senhora não sabe da melhor!

—Então que é, que é? — perguntou a senhora Amalia, com sófrega curiosidade.

—Ora que hade ser... nem a menina

Adelaide lhes escapal! pobre senhora... aquillo é mesmo um anjo...

—Ora diga, diga... pois atrevem-se?..

—A dizer o que ao démo não lembra! Como a vêm triste e pensativa, julgam...

—É verdade! vocemecê sabe alguma cousa do capitão e da senhora D. Adelaide? Ainda não pude saber a razão, que os levou a abandonar a cidade, onde viviam, com tantas festanças; e a vir morar 'neste retiro, n'estes montes, tendo lá, como dizem, tantas regalias...

—Eu, se quer que lhe falle a verdade, tambem me tem dado que fazer... E, depois, aquelle ar triste e carrancudo do velho capitão... Aqui ha coisa, por mais que me digam. Não sabe? O outro dia encontrei a menina Adelaide, chorando como uma criança, na fonte do Valle! Ella anda sempre tão aquella! não faz senão passear sósinha, suspirar e...

E. GARCIA

Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Aos srs. dr. juiz de fóra, vereadores do senado da camara d'esta cidade.

O dr. Antonio Manuel da Fonseca Lemos, do desembargo de Sua Magestade, que Deus guarde, e seu corregedor com alçada em esta cidade de Coimbra, e sua comarca: faço saber em como o mesmo Senhor foi servido enviar-me o edital do theor seguinte:

Dom José, por graça de Deus, rei de Portugal, etc. Faço saber a todos que este edital virem, que no meu tribunal da real mesa censoria declararam algumas pessoas tementes a Deus, e zelosas do meu real serviço, e do socego público:

Que depois que no § 346, e nos seguintes, até o § 357 da parte primeira da *Deducção chronologica, e analytica* do procurador da minha corôa, se lhes havia feito manifesta a dolosa simulação, com que Antonio Vieira, da companhia, denominada de Jesus, e os seus socios maquinaram (entre outras supersticiosas prophecias) as que introduziram

debaixo do nome de Gonçalo Annes Bandarra; persuadindo-as compostas no reinado do sr. rei D. João III, quando na verdade tinham sido maquinadas, depois da acclamação do sr. rei¹ D. João o IV, para com ellas lisonjarem a côrte, e adquirirem sequito 'nella, e no reino, que illudiram: e depois de se haver condemnado a imposura das referidas prophcias, pela sentença proferida em dezembro de 1667, no tribunal da fé, contra o sobredito Antonio Vieira, fôra constante a todas as pessoas instruidas, que elle tivera a inaudita temeridade, de maquinar contra a dicta sentença da inquisição, e contra o público socego (em abono da antiguidade, e credito, que não tinham, nem podiam teraquellas suppostas prophcias), um papel por elle intitulado: *Carta apologetica, escrita por El Padre Antonio Vieira de la compañía de Jesus, al padre Jacome Iquazafigo de la misma compañía, y provincial de la provincia de Andaluzia, em 30 de abril de 1686*: Formando para assumpto d'ella a inverozimil idéa, de que o seu provincial d'Andaluzia, ainda no anno de 1686 ignorava em Sevilha o exito do processo d'elle Antonio Vieira, que se havia sentenciado 'neste reino, dezenove annos antes, em dezembro de 1667: E inventando para arguir, e ludibriar o mesmo respeitavel tribunal, quatro estratagemas tão extraordinarios, como foram.

Maximas e pensamentos

Não ha nada, que vos revelle tanto a grosseria d'um homem *delicado*, como é a falta de resposta ás cartas que lhe houverdes dirigido. N. T.

Não temos direito de nos dizermos completamente infelizes, em quanto amarmos descer ao fundo da nossa consciencia.

A S. GESSNER

Tu, que em estro divino arrebatado,
D'ameno parreiral á grata sombra,

¹ Na *Collecção de leis*, etc. lê-se 'neste logar — rei D. João IV.

Ou junto ás faias, que nas margens crescem
Dos placidos ribeiros, modulavas
Sonoras canções ao som da flauta,
Á virtude, ao amor, e aos doces gozos,
Que gera a paz dos campos dentro d'alma,
Quando nos campos a innocencia mora:
Gessner, cantor suave, eu li teus versos,
E os teus risonhos versos me incantaram,
Como os hymnos das aves, como as flôres,
Como os prados viçosos, como as auras,
Quando raia a manhã de um céu de rosas,
Na mimosa estação da primavera.

Rispidos sons na tuba aterradora
Nunca os soube inspirar a tua musa,
Os flagellos de Deus, heroes chamados,
Que devastam nações, entornam crimes,
Folgam c'os sons dos ais, co'as guerras duras,
Ella os detesta, não lh'esparge incensos;
D'altos palacios foge; aos campos vóa;
A virgem natureza ali procura;
Os gestos e as feições busca pintar-lhe;
Do rustico a cabana é seu palacio;
É o homem virtuoso o seu heroe;
Ama as leivas viçosas, ama os bosques;
Ali te ornou a frente d'alvas rosas,
Por premio ali te deu sonora flauta,
E te inspirou ali tão doces carmes.

Falta-me o estro teu; não tive em premio
A flauta, como a tua, tão sonora;
Mas da delgada aveia, eu juro, ó Gessner,
Teus cantos ensaiar nas frouxas vozes:
Teus vóos seguirei, de longe embora;
Seguir teus vóos só de longe eu posso,
Qual aguia implume, atraz da mãi ligeira.
Eu folgo, como tu, co'a natureza,
Amo os campos viçosos, amo os bosques,
As rusticas choupanas me são gratas,
Apraz-me a sua paz, prezo a virtude.

Gessner, cantor suave, um momento
De amor e gratidão quero sagrar-te.
'Num horto pequenino, que é regado
Pela corrente, que de um tanque flue,
Pequena laranjeira, ha pouco, eu mesmo
Co'as proprias mãos plantei; e tão propicio,
Tem-lhe sido tão grato este terreno,
Que a cada instante a vejo alçar-se aos ares,
O seu tronco ingrossar, crescer-lhe a rama.
Não longe d'ella um banco de verdura,

Que cercam rubras rosas, mil violetas,
 Ha de em breve gozar-lhe a amiga sombra.
 Aqui pois, 'nesta laranjeira, ó Gessner,
 Teu nome hei de entalhar, hei de sagrar-t'a,
 Da tua arvore á sombra hei de os teus versos
 Meditar no retiro, hei de estudal-os.
 Comigo a terna Marcia algumas vezes,
 Hei de ali conduzir; ali sentados,
 Os teus versos, a Dafne, imagem d'ella,
 Havemos ambos lér; e um leve riso
 Lhe ha de despontar na face linda,
 Meigamente ha de em mim fitar os olhos,
 Quando eu a comparar á bella Dafne,
 Jurar-lhe o mesmo amor, os mesmos fogos,
 Nas canções, que ali mesmo m'inspirarem
 Os teus propicios manes invocados. (F.)

SONETO

Côro augusto das nymphas, dos pastores,
 Deixai dos bosques a virente estancia!
 Vinde, loução, regendo a elegancia,
 Tecer grinaldas de cheirosas flôres...

Mande-vos a rainha dos amores;
 Derrame em vós a divinal flagrancia;
 E que o travesso nume d'inconstancia
 Do Olympo vos empreste aureos fulgores:

Expanda Phebo seu esplendor no céu;
 Sylphides, ensinai-lh'os vossos passos;
 E que lhes ceda a lyra o grão Orpheu:

Vinde até onde o rio estende os braços,
 Esse rio, onde Ignez d'amor morreu;
 Mathilde encontrareis: lançai-lhe os laços...

JAYME C. H. L. DA VEIGA

OS TEUS OLHOS

A EX.^{ma} SR.^a D. M. J. B. Q.

¿Para que teus lindos olhos
 Segredos me vêm dizer,
 Segredos mysteriosos,
 Que ninguem pôde entender...
 Se os desejos, que m'inspiram,
 Não gozal-os — é morrer?

Como os teus olhos [tão bellos!
 Jámais outros conheci...
 ¿Que ternas delicias, quando
 Pela vez primeira os vi!..
 Impressões, que me causaram,
 Nunca por outros senti...

¿Anjo divino! esta vida
 Fôra um céu d'amor sem fim,
 Se teus olhos respondessem
 Ao que sinto dentro em mim...
 Mas em vez de céu, ¿qu'inferno,
 Se jámais me dizem — sim!

.....

 ¿Embora! embora não digam!..
 Outros eu não posso amar...
 —É que elles sempre me encantam,
 Mesmo em seu mais vago olhar...

A. F. M.

Já depois de composto o nosso terceiro
 numero recebemos a seguinte carta e poe-
 sia do nosso amigo e patricio *João de Deus*.

Desalojámos logo outros versos, para
 lhes darmos cabida. ¿E quem o não faria!?..

A sua carta, que não pôde ler-se sem
 que uma lagrima nos role nas faces...; essa
 supplica singela, innocente e pura, como o
 respirar do rosmaninho em mysterioso
 ermo...; esse hymno angelico, modelado por
 um sentimento intimo d'uma saudade pun-
 gente, que desde longe o irmão entôa a
 outro irmão; essa crença profunda da exis-
 tencia d'um Deus, que a tudo assiste, á
 dôr, para nos consolar, ao prazer, para
 mais prazer nos dar..., tudo — tudo nos
 fez rasgar, sem custo, o nosso programma
 de publicações, por que nos haviamos re-
 gido até hoje.

V. DA SILVEIRA

Meu amigo e meu collega nas letras, no
 berço, e na ventura! Mando-vos isso, e se
 quizerdes obsequiar-me, publicai.

Um meu irmão, vosso leitor, e existen-
 cia, que rescende ainda aos balsamos d'uma
 alma virgem; cheio ainda d'esse *Verbo di-*
vino, d'essa eloquencia gemea do amor,

—que não se aprende— m'o acaba de pedir d'um modo unico!

... uma coisinha sua! assigne-a d'uma inicial ao menos; e eu não revelarei nunca a ninguém, mesmo nem á familia: juro-o!..

A vossa carta é-me egualmente consoladora. Como a estima nos enebria e nos enleva! A bemaventurança não póde ser senão de amor reciproco!

JOÃO DE DEUS

PSALMO

Pois não crêdes em Deus!.. vendo-o nas côres, Na voz, nos labios da mulher, que adora, Quando um bejo libou dos seus amores!..

Eu vejo a Deus na rosa quando chora
Lagrimas lindas, lagrimas d'incanto,
Por ver, mais uma vez, nascer a auróra!..

Eu vejo a Deus n'uns olhos, que amo tanto!
Eu oiço a Deus gemer n'um seu gemido,
E eu oiço a Deus cantar, se oiço o seu canto!

Tenho-o — mais d'uma vez adormecido —
Achado a suspirar meu proprio nome
No leito do meu anjo tão querido!..

Sempre que a dor ás palpebras me assome,
Que apalpe o coração, que a dôr me rala,
O-sinto junto á dôr, que me consome!

Elle soffre comnosco! Elle nos falla
Pelos humidos labios do menino,
Que, dos labios da mãe, no seio resvala!

Elle é que a luz nos dà! pharol divino!
Centro-dos-soes-dos-mnndos-do-universo!
... Que ao halito da flôr marca o destino!..

Elle a face nos lambe! Elle do berço
Das aguas se se ergueu — tambem valente,
Cedro e lyrio voou, soprou disperso!

Como é grande Jehovah! Como é clemente
Brahma, Sabaot, Allah... O Deus piedoso!
O Deus do amor! O Deus de todo o crente!

2 de janeiro de 1859

JOÃO DE DEUS

Logogripho

A primeira quero-a sempre,
Porque não quero morrer;
E juncta c'o a terceira,
Nos arreios me has de ver.

A primeira e a segunda
É mortifero instrumento;
E a segunda c'o a terceira
É de genio turbulento.

Póde indicar o meu todo,
O luto, a morte e o pesar;

E, nos dias festivaes,

Nos templos me vês brilhar!

J. C. V. M.

Charada

O todo faz a primeira, }
Causa a segunda tambem; } 2

E esta sosinha bem póde }
O todo imitar mui bem. } 1

Na senda, que trilho,
De espinhos juncada;

Na vida que passo

Tão atribulada,

Só vejo phantasmas

Medonhos, sangrentos,

Só vejo tormentos,

Que a tornam pesada.

B.

N.º 2 — Alfazema.

EXPEDIENTE

Pedimos aos senhores assignantes, que por infelicidade nossa, não tenham recebido, em tempo competente, os numeros do nosso jornal, — nos desculpem esse atrazo, attendendo a que já se achava esgotada a primeira edição de 720 exemplares, que tirámos, quando os seus nomes foram enviados ao escriptorio da redacção; — e aos que residem em terras, onde a mesma redacção não tiver ainda estabelecido commissões, ou não possuir amigos seus, que obsequiosamente d'isso se tenham encarregado — se dignem remetter o preço das suas assignaturas, ou em estampilhas de 25 réis, se a quantia fór de menos monta, ou por meio de vales do correio, deduzindo-lhe o premio correspondente.

V. DA SILVEIRA

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

ESTUDO SOBRE AS POESIAS DE SCHILLER

Na vasta e famosa galeria dos poetas, occupa Schiller um logar distinctamente honroso.

Quem ama a poesia, como a expansão energica, do que ha de mais intimo, mais elevado e puro no coração do homem; como a expressão brilhante e harmoniosa, do que ha de mais nobre na intelligencia; quem a aprecia, como a pintura fresca, colorida e animada, do que ha de mais bello e magnifico na natureza,— não póde deixar de amar Schiller. A poesia reproduz as idéas, traduz os sentimentos, e representa as necessidades da sociedade: é, como todos sabem, a sua expressão, mais ou menos verdadeira, mais ou menos bella, segundo as qualidades do poeta. Quando a intelligencia é elevada e rigorosa; a imaginação rica e fecunda; quando a linguagem é animada e colorida, essa expressão, é, na bocca do poeta, uma inspiração grandiosa e sublime, é, como diz Lamartine, a voz da humanidade, que pensa, que trabalha, que goza, ou geme, resumida e modelada por um homem d'uma tèmpera mais fina e delicada, que a dos outros. Lêde as poesias de Schiller, e admirareis o poder, e a melodia d'essa voz, que, elevando-se na Allemanha, acordou no mundo litterario eccos, que não morrerão nunca; vereis a elevação da idéa enriquecida com as galas do estylo, e o genio, em toda a sua magestade, revestido de fórmulas as mais variadas e brilhantes.

Conhecimento profundo dos homens, e das coisas, grandes principios philosophicos e sociaes, apreciações justas e rigorosas, quadros perfectos, gosto puro, ternura de coração, excellentes qualidades

1859—Janeiro

moraes, a alma inteira do poetaahi se revela nas producções immortaes do homem, que honrou a Allemanha, illustrou a litteratura, e formou no theatro uma grande epocha.

Se são necessarios certos dotes, para alguem ser poeta; nem todos bastam, para se lhe dar o nome de lyrico: condições mais especiaes, uma maior consciencia do bello, um espirito vasto e poderoso, alguns privilegios, com que a natureza se não digna mimosear a todos os poetas, são indispensaveis, para uma producção se elevar á altura do lyrismo. O poeta lyrico deve traduzir os sentimentos e as paixões, que o agitam; deve ser o espelho fiel de si mesmo: a sua palavra deve ser a apothose de tudo quanto ha grande e bello na natureza, e no seu coração; e para isto precisa de emancipar-se do vestuario da materia, de elevar-se acima dos prazeres e das penas da vida, de abstrahir-se do que ha mesquinho, trivial e baixo, que o cerca:— precisa de, por assim dizer, desmontar-se do seu ser humano.

Assim como a aguia, deixando a terra e cortando o espaço com a sua aza ligeira, lança, rainha dos ares, um olhar desdenhoso sobre os montes e valles; assim o espirito, libertado d'aquillo, que o escravisa e acanha, deve erguer-se até as regiões celestes, pairar d'ahi sobre o mundo e os seculos, e não encontrar nos seus vãos arrojados senão Deus, que, dando-lhe a luz, o eleva, o engrandece e fecunda; o genio, então livre, puro, e radioso, ganha forças, e torna-se criador. Schiller recebeu de Deus esses dons preciosos e inestimaveis; e as suas poesiasahi estão a attestal-o. Ainda que elle não tivesse escripto Stuart, Gui-

N.º 4

Iherme Tell, Joanna d'Arc e Volstein, a sua collecção de poesias lyricas bastaria para o considerarmos como um homem de genio, e para o admirarmos como um grande poeta.

O poeta lyrico precisa de recolhimento e meditação; e o clima frio e nebuloso d'Allemanha, a sua natureza sonhadora e ideal, dá a seus filhos essa disposição, vantagem d'algum valor, que não gozam os homens de todos os paizes. Outro elemento, e esse indispensavel, em geral, na poesia, e, mui especialmente, na lyrica, é a religião. Sem religião póde ser-se poeta; grande nunca: é a religião, que, com as suas doutrinas elevadas sobre a dignidade do homem, com o seu espiritualismo puro, e sanctificante, com as suas maximas sublimes, anima e inflamma as faculdades do poeta, e esparge nas suas producções essa profundidade de idéas, essa suavidade melancholica, que, alimentando a intelligencia, consola o coração: as aspirações grandes, os sentimentos generosos, e os pensamentos nobres, só os póde dar a religião; é a fonte, cujas aguas, limpidas e crystallinas, fertilisam a alma do poeta. É por isso que a poesia morre sempre na atmosfera gelada do interesse, no dominio da algebra e da cifra: o positivo, a materia, são o exterminio do ideal, que é a sua vida.

Chateaubriand começou a abrir o sepulchro a essa philosophia materialista e cynica, que, no seu empenho, tão louco como impotente, queria apear a religião do solido e venerando pedestal, onde a tinha assentado a verdade; que derramava a jorros o fel dos sarcasmos sobre as affeições, que mais nobilitam o homem; que se ria da virtude; e que, como diz Balmes, deixava o berço sem illusão, e o tumulo sem esperança. A divisa d'essa eschola era o scepticismo e a dúvida, que é o suicidio da intelligencia, que é o suão abrasador, que queima e murcha as flôres do sentimento, — que é a morte da poesia. É por isso que, 'nessa terra arida e fria, não floria uma rosa, nem nascia uma flôr. Voltaire, com o seu vasto e fecundo genio, podia tirar um grande partido da religião, se a seguisse;

combatendo-a, elle ficou, como poeta, muito abaixo, do que podia e devia ser; e ainda assim, diz Chateaubriand, as suas mais bellas paginas são paginas christãs; sejam prova o bello retrato de S. Luiz, e a sublime invocação no comêço da Henriada. Essa eschola, que arrojou sobre a Europa o facho incendiario da descrença, e cuja luz, lúgubre e sinistra, só allumiou scenas de desolação e horror, — essa eschola está morta; e, felizmente para a sociedade, não nos amargura o receio da sua resurreição. Uma nobre cruzada de bardos ardentes e generosos, fez, á face do mundo, um solenne protesto em nome da intelligencia degradada; e, sobre as ruinas do seculo passado, arvorou uma bandeira, em que escreveu as seguintes palavras: — *Deus, amor da religião, da virtude e da patria.*

Foram vingados os foros da dignidade humana; e gloriosas conquistas têm, desde então, sido ganhas nos vastos e deleitosos campos da litteratura. A tendencia da poesia 'neste seculo é essencialmente religiosa; e esta propriedade, que, principalmente, a caracteriza, tem feito nas idéas, nos costumes, nas instituições e no viver da sociedade, uma revolução tal, que os seus grandes e salutaes resultados são d'um alcance difficil de apreciar.

Schiller recebeu uma esmerada educação religiosa; espirito sensível, os doces ensinios de sua boa mãe insinuaram-se tão profundamente no seu coração, que, com mais ou menos força, se revelaram sempre na sua carreira litteraria, e ainda nos dias mais agros e tormentosos.

«Se a alma do poeta fôr sanctificada como um templo, o anjo dos nobres pensamentos ha de lá apparecer»: o sentido d'estas palavras de M.^{me} de Stael realisou-se em Schiller. Alma terna, ingenua e apaixonada, o sentimento sublime da fé, que lhe inundava o peito, traduzia-se nos seus labios em preces fervorosas, sinceras e ardentes, que, cheias de perfume, se erguiam da terra, e iam no céo beijar o throno de Deus. Ainda que incorrectas, são summamente bellas e mi-mosas essas poesias da primeira idade.

INSTRUÇÃO

SUMMARIO

1.º Importancia da lingua latina.— 2.º Ella não é uma lingua morta.— 3.º Todos os argumentos forjados por seus adversarios não ferem a sua influencia e utilidade; mas o methodo, por que se ensina e aprende.— 4.º Vicios d'este methodo; meios de remedial-o.— 5.º O seu estudo deve considerar-se mais como um estudo philosophico, que philologico.

Razão d'este escripto

Multa renascentur, quae
jam cecidere.....
HORACIO

Surpreza fará, e, não sei se dizer, despeito aos falsos amadores de luzes e progresso, aos espiritos saturados do amor da novidade, ouvir levantar a voz, para proclamar a importancia, e, quiçá, a necessidade do estudo da lingua latina, quando a julgam sepultada, ou como devendo tal ser sua sina, nas ruínas da antiga Roma, como sepultados jazem os que vida lhe deram, ou envolvida nas nebulosas trevas da ignorancia e obscurantismo da meia idade, que por desditoso fado seu de usal-a houve.

Por mui diverso rumo vai nosso parecer; e se salva-a não podermos lograr, que tanto querer e ousar arrojo fóra ou vaidade, da morte com que seus adversarios a ameaçam, consentido nos seja ao menos humilde, mas sincero brado, levantar em seu abono.

— Com os povos definham e morrem as instituições suas,— dizem alguns.— Morre um povo, sobrevive e perdura a instituição,— dizemos nós: que em quanto não sejam sabio ou philosopho, que taes pretensões em nós não aninhámos, dizemol-o porém; porque devéras amamos a humanidade e o progresso, que, posto em novidade consistir, não o é tanto, que de priscas gerações, remotas eras, seus fructos lhe não venham.

Morre um povo, não acabam as instituições, usanças suas, que, boas ou más, para trazel-as ao mundo o tempo e o espaço por

alguns annos ou seculos á Providencia aprouve dar-lhes.

É esta maxima, com approvação á lingua latina, que verificar pretendemos. Oxalá que forças assistam, que desejos não faltam, a quem, com animo e pensamento de ser util, avança taes commettimentos, que para mestres, do que para discipulos, antes foram.

Por tal guiza é turbulento e procelloso o mar da critica, que aventurar-se é temerario, senão louco, para quem remos não teve de engenho e arte.

Castigai-o, vos peço, quando de merecel-o careça, que á mingua d'esforços não será, que na vossa censura incorrer possa. A critica sã e madura de jubilo e honraria é para o censurado, que por melhor fazer se esforçará. Indigno é porém, penoso e triste, quando harpias esfaimadas abocanhar-nos vêm de injusto modo.

E. GARCIA

A TERCEIRA EDIÇÃO DOS LUSIADAS

Camões aconselhou o rei a
que regressasse o reino, e a que
mandasse os jesuitas resar no
côro.

JOSÉ MARIA DA COSTA E SILVA

Para o homem, que, fallando-lhe n'alma a voz do estro, baixa ao mundo da triste realidade, cóam-se horas d'agonia, que não ha ahi em linguagem de homens palavras, que as definam. Vai-se-lhe a vida em martyrio; é-lhe o existir padecer. A dôr, que fundo lavra, antecede outra mais funda; que, nas almas grandes, moram dores tambem maiores.

Tendo, como o Tasso, um Deus na mente,¹ foi Camões, quiçá, além nos lances da desventura. Remissa nos dons da terra, mas larga nos dons do céu, fóra-lhe dispensado pela sorte um peito amigo. Nisto ao Tasso se avantajava; que o seu Jáó, não novisso no infortunio, comsigo se amestrara em condoer-se.

Fulgente, mas forrado de espinhos, era seu diadema: na mente acceso o sacro lu-

1 Igneos versos brotei co'um Deus na mente,— de si diz Bocaíje na Pena de Talião.

me, e no peito a imagem dos seus Lusos, aportou á patria para, maior no animo que Scipião,¹ á patria com o POEMA legar seus OSSOS.

Cioso da gloria dos seus e sua, elle, privado das musas, nobilitou-se, nobilitando-os em padrão immorredouro; e, como se tanto amor á terra do seu nascer não lhe bastára,— não sómente se contentou de morrer 'nella, mas de morrer com ella.²—

Intensa devia ser a luz, que lhe allumiou o espirito, quando estas proferiu; intensa e excruciante devia ser tambem a dôr: os olhos alongando ás coisas patrias, para logo se lhe antolharam minadas e combalidas: acudir-lhes com remedio inda era facil; mas, cerrados aos seus conselhos, os ouvidos de Sebastião só escutavam palavras da lisonja, que manso e manso lhe fomentavam o exicio.

Mascaranhas, esse vulto épico, que a historia aponta, sorrindo ás balas sobre as muralhas rotas da fortaleza de Diu, não foi a causa prima e efficiente da quêda de Portugal: deslebrado das lições, que soubera outr'ora, e aprendera na eschola do esforçado Castro, o governador de Diu trahi u a terra natal, vendeu-a ao Castelhana; era vindo, porém, de mais longe o impulso, que a tombára; foi mais firme e secreta a mão, que a despenhou.

Alumno da ignorancia, e cego d'entendimento, fôra D. João o III, que, abrindo os braços á ordem de Jesus e, após, logo ao sancto officio,³ abri ra via e dera azo ao Castelhana, para lhe succeder em seus reinos.

Foi dos safaros areaes da Lybia, onde arrojaram a corôa os filhos de Loyola, que a tomou para si e seus descendentes o rei inda futuro

D'ambas as Indias, d'ambas as Hespanhas.⁴

S.

¹ É bem conhecida a phrase — *Ingrata patria non possidebis ossa mea* — attribuida a Scipião.

² 'Numa carta escripta do leito da agonia— Ver Vida de Camões, na edição, que dos Luziadas fez José da Fonseca, em Paris, no anno de 1846.

³ Deu entrada, 'neste reino de Portugal, em 1539, a ordem de Jesus; e logo, em 1540, o tribunal da inquisição.

⁴ Verso da 1.ª oitava do canto 1.º da *Ulissea* de Gabriel Pereira de Castro.

UMA TARDE DE ABRIL

Bonita que não havia mais que dizer, alva como toalha de freira, airosa como um pinheirinho de quatro annos. Uns poucos de rapazes da aldeã andavam doudos por ella...
A. HERCULANO

Rapido declinava o sol a banhar a fronte no oceano, quando uma voz, ao mesmo tempo melodiosa e rude, me veio despertar dos sonhos de amor, que, por bella tarde de abril, lascivos zephyros tinham feito voltar em torno de mim!..

Bella na realidade tinha sido a sésta!.. Fôra-me a relva macio leito, e o musgoso tronco do roble, cuja ramada formava o docel d'aquella estancia de amor, sustivêra docemente a minha cabeça adormecida!..

Melodiosa orchestra me emballava em somno deleitoso! De um lado o rouxinol pousado sobre a virente balseira; do outro o murmurio de regato humilde, que vinha como tributario engrossar as aguas de magestoso tanque, espreguiçado á sombra do carvalho hospitaleiro;— além o zumbir das velas do moinho, casado ao ciciar do arvoredado; no prado a avena pastoril, acompanhada do incessante balar dos cordeirinhos; no rio emfim as afinadas canções das lavadeiras!..

Detraz de virente moita de madresilva, saía um joven pegureiro, acompanhado do cão fiel e possante. Calou a sua melodiosa canção ao aproximar-se da borda do tanque; e lançando os olhos em derredor, exhalou um suspiro.

Com o ferrão do seu cajado escrevêra um nome na fina areia, que cercava o arroio, e, depois, com outro suspiro, que patenteava a esperanza e o receio, a paz e a desordem, que lhe íam no coração, com outro suspiro comprimido, que dizia tudo o que amor tem de expressivo, balbuciou esse nome:— era Rosa.— O pastor enamorado entoava de novo essa melodiosa canção, que ha pouco me despertára.— Escutai-o:

.....
.....
.....
.....

E, como em remate á canção, uma voz feminina lhe respondeu!..: era a da gentil e inspirada Rosa!.. No sobresalto do mancebo se viu, que o imprevisito remate da sua canção lhe veio dar vida nova!.. porque Rosa, a bella e amavel lavadeira, a rainha dos corações, o idolo dos incensos da aldêa, estava junto d'elle!..

Pouco expressivas são decerto as phrases para traduzir fielmente aquella scena!.. Era a poesia intima a murmurar n'alma de dois entes, que se comprehendiam; era tudo o que ha de sublime e singelo, de angelical e puro!.. era o amor traduzido em expressões dos céos!.. dois corações, que ao Creador se elevavam e se uniam na sua presença!.. o proprio Deus presidindo a tão doces transportes; era tudo o que a penna não sabe traduzir!..

Tudo respirava alegria então!.. As aves trinavam com dobrada melodia; o susurrar da brisa fagueira da tarde, e o brando murmurio da corrente, formavam uma accorde harmonia; e até o cão fiel, como que partilhando os affectos de seu dono, ora lambia as mãos da affavel Rosa, ora acarinhava o pegureiro, ora, latindo e saltando, se lançava como louco pelos campos, como se o pobre bruto comprehendesse tambem todo o prazer, que se gozava alli!..

Muito tempo havia já, que a lua substituíra, com seu pallido clarão, o astro magestoso do dia; muito tempo havia já, que os dois namorados se entregavam aos divinaes extasis de tão poetico existir!.. Era noite!.. e Rosa, a virgem pura e recatada, devia recolher ao casal paterno!.. Eil-os que vão caminho da aldêa, seguidos do animal symbolico da fidelidade!.. Escabrosa corria a azinhaga...: o leal pastor dava o braço a sua desposada gentil, e, com o auxilio dos raios da lua, coados por entre os ramos da verde oliveira, transpunham velozes o caminho!..

E em fim desapareceram!.. E eu abandonei tambem aquella deliciosa estancia, onde, escondido, fóra testemunha de tanta ventura, levando o coração cheio da nobre inveja, que nos causa a vida singela dos campos; e a mente alvoroçada pela convicção, de que a verdadeira felici-

dade, que muitos embalde procuram nos arruídos do grande mundo, não é uma chymera sobre a terra, mas que habita no pobre tegurio da aldêa, ou á sombra dos robles da encosta!..

A. M. DA CUNHA BELLEM

APONTAMENTOS PARA UM ROMANCE

I

No dia 15 de agosto de 1854, pelas onze horas e um quarto da manhã, desembarcava em Lisboa, no caes das Columnas, o sr. Manuel José Fernandes, vindo do Brasil, para onde, seis annos antes, tinha sido obrigado a partir, a exigencias da sua *ella*, que, com alguns argumentos metalicos e de peso, desejava vêr reforçado o seu amor.

E não se admirem do que á primeira vista parece um devaneio romantico; pois é uma verdade, que tem sua explicação no progresso.

Antigamente, no tempo da cavallaria, as donas faziam partir os cavalleiros enamorados para a defesa de arriscados passos, onde ás lançadas conquistavam corações. Hoje mandam-os para a terra dos periquitos, desenvolver a industria da tapioca e cacáo, inspiradas talvez pelas idéas economicas, que dominam o seculo.

Adam Smith! levanta-te do tumulo em que dormes, que é chegado o teu reinado!

A Economia Politica é já querida das damas.

Não sei se foi esta a explicação, que o sr. Manuel José Fernandes deu ás caprichosas exigencias da sua querida; mas o que é verdade, é que o seu amor era tão forte, que até accitaria uma das pastas 'naquella occasião vagas, se lhe suspeitasse desejos de ser *ministra*. O nosso heroe não recuaria pois diante de sacrificio algum, para obter a mão da sr.^a D. Maria da Gloria. Assim se chamava a protectora do desenvolvimento industrial.

Devia agora, em boa eschola, apresentar um esboço, inda que mal traçado, do meu conquistador de cacáo; mas de certo já fui prevenido:

—Manuel José Fernandes! Haverá nome mais prosaico?! Com um tal nome é-se baixo e gordo, tem-se refegos nas belfas, barriga proeminente, roscas no cachaço, testa pequena em fórma de chispe. . .

—Não póde deixar de ser um typo be-xiga, — atalhou algum zootognostico.

—Nem sei como achou quem o quizesse, — segredou alguma namoradeira á criada confidente de seus pensamentos virginaes. . .

Que não pareça impossivel esta ultima reflexão; pois um amigo tenho eu, que, depois de muito suspirar, encostado a um frade de pedra, que fronteiro ficava ás jennellas d'uma menina, a quem amava, só á vigesima quinta carta conseguiu obter resposta.

Sabem o que dizia o perfumado bilhete?

—Fiz voto de que o escolhido do meu coração teria um nome romantico: se v. s.^a sente por mim esse fogo abrasador, a que a pobre linguagem dos homens chama paixão (textual), chrisme-se Romeo; pois só então poderei aceitar o seu amor.

Passados dois mezes tinha o meu amigo mudado de nome, o que lhe custou uma sagrada, mas tremenda, bofetada.

E não foi este o unico desgosto por que passou; pois mezes depois, tendo escripto a uma litterata, esta, pouco versada em Shakspeare, confundindo Romeo com Romão, respondeu-lhe:—que não podia amar um homem, que tinha nome de gallego.

Pois enganaram-se. O sr. Manuel José Fernandes era até elegante.

E a sr.^a D. Maria da Gloria?

Era uma senhora de juizo, porque não sujeitou o seu amante á prova da chrisma. Parece-me que lhe não faltou vontade; mas seria exigir muito.

Chrisma e fabrica de cacáo — são duas provas, a que poucos amores resistem.

II

Livre de dois beléguins, a quem teve de dar dez tostões por incorrer 'numa postura da camara, o sr. Fernandes entrou no hotel da Aurora.

Passadas duas horas estava na rua do

Salitre, em casa do pai de Maria, homem de 40 a 45 annos, a quem os pesares haviam sulcado nas faces as rugas d'uma prematura velhice. O pobre pai apertou convulsivamente a mão d'aquelle, que de novo vinha pedir-lhe o nome de filho; mas não póde fallar, que as lagrimas represadas pela dôr não o deixaram articular um som. Tirando de sobre o coração uma carta, que Maria havia deixado em cima do toucador, no dia em que fugira com um janota, por quem tinha sido seduzida, entregou-lh'a.

Apenas lançou os olhos sobre as primeiras linhas, Manoel José Fernandes caiu 'num spasma de estupidez; d'onde saíu alguns momentos depois, por uma d'essas estridentes gargalhadas, com que Satanaz saúda a conquista do espirito, que por falta de fé succumbe á dôr.

O desgraçado tinha enlouquecido.

III

Em março de 1856, entrei na quinta de Rilhafolles, em companhia de um amigo meu. Acercando-se de nós um homem bem vestido e com um pequeno regador na mão, pediu-nos cortezmente, que o acompanhassemos. Chegados juncto d'umas camelias parou, contemplou-as por algum tempo, lançou-lhe agua em cima, e, aproximando-se mais de nós, começou dizendo em tom mysterioso:—São as minhas flores. . . São tão lindas! . . Eram muito bonitas; mas murcharam. É porque eu fui longe, muito longe. . . lá baixo áquelle tanque. . . fui buscar agua. O sol crestou-as. Estão murchas as minhas pobres flores. Esperem, eu venho já, vou buscar mais agua. . .

E separou-se de nós. Teria dado seis a oito passos, quando ouvimos uma despropositada gargalhada.

Perguntámos a um dos guardas o nome d'aquelle desgraçado.

Era Manuel José Fernandes.

.....

Se algum critico de frioleiras, com sorriso d'incredulidade, acolher esta simples e despretenciosa narração,—fiquem certos que é incapaz de comprehender a sublimi-

dade d'uma paixão, embora com pedantesco entono proteste ter amado muita mulher.

Senão, expiai-o em seus soliloquios nocturnos. E em noite d'inverno, depois de ter passado horas e horas na contemplação das caprichosas e elegantes columnas de fumo, saídas d'um charuto quasi sempre máu, e ás vezes supportavel, lêde-lhe na physionomia o desespero de procurar de balde no passado uma saudade.

Não a encontrará. Não, que affeições, que morrem, deixam o coração vasio.

Uma flôr murcha, um bilhete que perdeu o perfume, uma trança de cabellos incapazes de trazer á memoria os encantos da fronte, que adornaram — é tudo o que resta de amores passados.

Mesquinhos penhores do mais mesquinho affecto, a imaginação já vos havia esquecido: a chamma pôde bem depressa devorar-vos!

Ama-se uma vez só. O amor acompanha o corpo em seus estremecimentos de alegria e esgares de dôr; e quando este morre, então vóa abraçado á alma a conquistar tambem a immortalidade.

Ama-se como Manuel José Fernandes.

Quando a mulher, incapaz de comprehender o sentimento, que inspirou, nos atraicção, abala-se o craneo com um tiro de pistola, regam-se flores em Rilhafolles, sepulta-se o corpo inda vivo na cella d'um mosteiro, se o barão o não prostituiu ainda com seus sorrisos alvares.

Mas não se lêem romances para os dissecar com o frio escalpello d'um pretendido bom senso.

FIRMINO DE MAGALHÃES

Coimbra, 30 de dezembro de 1858.

Registo d'um edital, de que o seu theor é o seguinte

Primeiro stratagemma, o das falsas recriminações, com que procurou persuadir na proposição terceira da mesma carta, que Bandarra fôra verdadeiro propheta; e que elle Antonio Vieira o havia assim escripto depois do fallecimento do sr. rei ¹ D. João

o IV, porque, primeiro do que elle, o tinham assim publicado Gregorio d'Almeida, no livro intitulado *Restauração de Portugal prodigiosa*; Pantaleão Rodrigues Pacheco, no outro livro intitulado *Balatus ovium*; e Nicolau Monteiro, no outro livro *Vox turturis Portugaliae gemens*. E isto quando a verdade se achava tanto pelo contrario, que pela dicta *Deducção chronologica* se concluiu demonstrativamente, que, vendo a companhia, denominada de Jesus, sobre o throno d'este reino a casa serenissima de Bragança, que ella tinha atrocissimamente perseguido; e temendo o justo castigo d'aquella sua infidelidade, inventou, para a confundir com simulações públicas de zelo da patria, e d'amor á mesma serenissima casa, o aggregado de imposturas, e de trovas fingidas em nome de Bandarra, que colligiui no fabuloso livro, a que deu o titulo de *Jardim ameno*, antedatado do anno de 1636:

Que d'elle, e do outro fabuloso artefacto da mesma companhia, que ella tinha ² intitulado *Vida do çapateiro santo Simão Gomes*, fez logo successivamente compilar, pelo seu socio João de Vasconcellos, o primeiro dos sobredictos tres livros, intitulado *Restauração de Portugal prodigiosa*, por ella publicado em nome do doutor Gregorio de Almeida; sendo verdadeiramente obra do dicto João de Vasconcellos; como se fez notorio pela sua materia, contendo as mesmas identicas predicções dos dois çapateiros Simão Gomes, e Gonçalo Annes Bandarra; e em substancia as outras mal inventadas imposturas da sobredicta colleccção intitulada *Jardim ameno*, que ficaram guardando manuscrita; como é constante a todos os instruidos na historia litteraria d'este reino; e como se achou pela mesma companhia declarado nas suas mesmas bibliothecas; de sorte que este doloso livro se achava já nas licenças no mez de junho de 1642, e por isso saiu á luz do mundo no seguinte anno de 1643, como o sobredicto Vieira referiu:

¹ Na *Collecção de leis*, etc., lê-se 'neste logar — rei D. João iv.

² No mesmo livro acha-se aqui — Que d'ella tinha.

Que a dicta companhia, proseguindo a mesma dolosa simulação, encheu pelos seus prégadores os ouvidos de toda esta côrte, e o reino ¹ d'aquellas mesmas simulações, e imposturas:

Que por isso, referindo-se aos sermões dos seus socios, e dos mais oradores, que elles illudiram, é que na *Carta apologetica* de que se tracta, e no memorial latino, que antes d'ella havia apresentado na curia de Roma, allegou tambem maliciosamente, que os prégadores canonisavam o mesmo Bandarra por propheta:

Que 'nesta certeza o dicto livro *Restauração de Portugal prodigiosa* se reduziu em summa ás referidas prophcias dos dictos çapateiros Simão Gomes e Gonçalo Annes Bandarra, e ao dicto manuscrito *Jardim ameno*; e que os outros dois livros *Balatus ovium* impresso no anno de 1646, e *Vox turturis* impresso no anno de 1649, se reduziram tambem visivelmente ás falsas luzes dos sobredictos livros *Jardim ameno*, e *Restauração de Portugal prodigiosa*; e ás vozes dos sobredictos prégadores jesuitas, ou dos mais por elles enganados; e aos referidos sermões, com que o dicto Bandarra se pretendeu canonisar 'nesta dolosa apologia.

O segundo stratagemata, o do epitaphio do dicto Bandarra, que elles mesmos haviam feito gravar na cathedral de Lisboa, com a mesma malicia, com que tinham simulado as referidas trovas, notoriamente convencidas de falsas, e inventadas; como se aquelle fabuloso epitaphio, posto depois da feliz acclamação, e proveniente das malicias acima declaradas, podesse provar outra cousa, que não fôsse conter-se 'nelle mais um aborto do fanatismo, com que o mesmo Antonio Vieira e seus socios intemperaram as imaginações dos habitantes da capital d'estes reinos, até o ponto de saírem d'ellas, este, e os muitos outros phenomenos ² semelhantes, que 'naquelles tempos fizeram em Portugal tão sensiveis estragos.

Terceiro stratagemata, o de violentar, e

profanar o mesmo Antonio Vieira diferentes logares da Sagrada Escritura (como foi sempre do seu costume), para sustentar as taes pretendidas prophcias de Bandarra, por elle maquinadas; como se as verdades eternas dos textos sagrados podessem ter alguma combinação com as imposturas da malicia humana.

Maximas e pensamentos

A verdadeira distincção compõe-se de elementos por tal fórma multiplicados, que é quasi impossivel definil-a: encanta, seduz, mas escapa á analyse, como o perfume d'uma flôr.

Se alguém criticar dos vossos escriptos, perguntai-lhe se já escreveu. Se vos disser, que sim,— não questioneis mais com elle, em quanto não houverdes alcançado e estudado as suas obras; se vos disser, que não,— considerai-o desde logo como um idiota.

N. T.

Vou escrever duas linhas sobre a poesia seguinte, que foi inspirada pela saudade, de quem sentia mais pela sua patria, que a maior parte dos homens d'hoje, em quem o patriotismo degenerou tanto d'aquelles portuguezes velhos, que a amavam, como o seu Deus e a sua ventura. Conhece-se, da singeleza e harmonia d'esses versos, que foram dictados pelo coração, e que não precisaram dos arrebiques postiços da arte forçada para descreverem o sentimento intimo, que 'nas horas melancolicas do exilado vêm ás vezes toldar-lhe a alma de tristesa, e alar-lhe o pensamento para a sua terra natal, para esses montes, que o viram nascer, e onde o sol tem um brilho mais seductor e mais querido, e a natureza uma voz mais suave e terna, e a vida um aspirar mais animador e alegre. Deprehende-se bem que traduzia em lagrimas de tristesa, quando se lembrava do seu paíz, 'neste trecho, o que via entre si e a sua patria tamanha distancia, que só o pensamento a vencia...

¹ E reino — está na referida *Collecção*.

² A variante é — e os outros muitos.

'Nesta minha soledade
Mais me aviva a saudade
Do meu lindo Portugal...

Lembram-me as suas montanhas,
Os seus rios de crystal,
Suas varzeas, e campinas,
Suas fontes crystallinas,
E o seu clima sem rival;

A melodia e a singelesa, que falla ao coração; a metrificação facil, e corrente, que harmonisa a pronúncia,—eis o em que esta poesia resume para mim «o genio e arte» de quem a escreveu. Não quero com isto desvanecer seu auctor, que nem elle precisa de encomios meus; mas simplesmente asseverar-lhe, que não corte os vãos á sua imaginação incipiente, nem receie, que, de futuro, não possa conseguir os louros, que a litteratura dá aos que a cultivam. Sei que ha tantos poetas 'neste nosso Portugal, que é genero quasi despresado no mundo das bellas lettras; mas tambem sei, que a maxima parte d'esses poetas são homens, que apenas seriam capazes de traçar um bocado de prosa, e essa com difficuldade; e que se lembram de a metrificar, com muita arte, talvez, mas sem se compadecerem da propriedade da linguagem, da intelligencia, e do ouvido até. Ha por ahi prosa em linhas symetricas, que ao lér-se dissona tanto, que parece, que estala o tympano; que é tão dura e tão aspera, que faz arripios no corpo, e dores de cabeça.

Penso que ha mais, muita mais poesia 'nesta estrophe, que eu vou recordar, do que na maior parte d'esses volumes de rimas, que têm inundado os nossos gabinetes, e de que nós apenas temos a paciencia de ler o titulo e o auctor... Taes são elles!

Minha aldêa, tão bonita,
Lembra-me tambem aqui;
Minha mãi, e meus parentes,
Minhas irmãs innocentes,
De quem nunca me esqueci.

Estes pelo menos têm o encanto do sentimento, têm a harmonia e a singelesa, que dá o genio, têm o condão da saudade verdadeira, que se traduz espontanea, sem impostura, sem fingimento, e com doçura, e com unção.

Se alguma força tivesse a minha opinião, fundada no mais que tenho tido o gosto de

ler do sr. Azevedo; e se sua s.^a quizesse entregar-se, nas horas, que lhe restam livres, a moldar o seu talento pelos bons poetas, que muito lê, e muito estima, «mórmente os mestres da lingua»,—sem receio prediria, que não serão espinhos a colheita, que deve encontrar no campo da litteratura; nem a esperanza d'algum dia ser lido com gosto e applauso lhe escassêa. Esta é a primeira producção sua, que sai a lume; mas nem por isso vai bem acobertada: sirva o merecimento d'ella de protecção a si propria, que mal o póde o nome mesquinho do que a ousou commentar.

GUIMARÃES FONSECA

O EXPATRIADO

Minha terra! minha terra!
Ó minha patria querida!..
Longe de teu brando seio,
'Neste solo onde vagueiu,
Verei findar minha vida?

Esta vida, que era tua,
Que doudinho aventurei
As furias do mar irado,
Nas venturas confiado
Que inexperto imaginei?

Terei de ver extinguir-se
Toda a luz do meu viver
Neste paiz desterrado,
Triste, só, expatriado,
Sem alivio nunca ter?

Oh! meu Deus! quanto me punge
Esta lembrança fatal!..
'Nesta minha soledade
Mais me aviva a saudade
Do meu lindo Portugal...

Lembram-me as suas montanhas,
Os seus rios de crystal,
Suas varzeas e campinas,
Suas fontes crystallinas,
E o seu clima sem rival;

Minha aldêa, tão bonita,
Lembra-me tambem aqui;

Minha mãe e meus parentes,
Minhas irmãs innocentes,
De quem nunca m'esqueci.

Que m'importa a magestade
D'esta virgem natureza,
Que toda aqui me rodeia?
Que m'importa?! É terra alheia,
Não me atráí sua belleza...

Que m'importa o coleirinho,
Que gorgeia tanto e tanto
Lá 'naquelle cajueiro?
Póde acaso um estrangeiro
Entender aquelle canto?..

Nada, nada me deslumbra
Do que vejo no Brazil;
Minha terra é mais pequena,
Mas tambem é mais amena,
Mais formosa, e mais gentil:

É o mais lindo diamante,
Que Europa na coróa tem;
Foi a patria de Camões,
E nas heroicas acções
Não tem inveja a ninguem.

Inveja não póde ter
Quem já leis á terra deu,
Quem o mar subjugára,
E ao mundo apresentára
Em cada filho um—Pompeu.

Produziu um Castro forte,
Que os Cambaios sujeitou;
Um Albuquerque terrível,
Que Malaca a—invencível—
Com suas armas prostrou.

Viram 'nella a luz do dia
Aquelles quarenta heroes,
De quem somos descendentes,
Que sacudiram valentes
O jugo dos—Hespanhoes.

Foi berço d'um Magalhães,
D'um grande Vasco da Gama;
D'esses, que os pólos temeram,
E d'outros, que s'estenderam
No mundo com aurea fama.

Athenas! Esparta! Roma!!
Mães de genios sublimados!
E tu, ó França moderna!
Que alcanças gloria eterna,
Com teus valentes soldados;

Portugal! a minha patria,
Nada vos tem que invejar;
Se hoje a vêdes moribunda,
Não a julgueis já na tumba,
—Que inda a sinto respirar.

'Num peito de diamante
Sinto, sinto, que inda anceia
Seu coração vigoroso,
E seu sangue impetuoso,
Que pula de veia em veia.

É vida! vida! e mais vida!!
Que gyra 'nessas arterias...
Parece-me a cada instante
Vêl-a surgir radiante
D'esse leito de miserias:

Erguer-se altiva e vaidosa,
Dizer do orbe ás nações:
—Eis-me aqui, forte e potente,
Nação livre e independente;
—Respeitai meus pavilhões!..

E eu verei extinguir-se
Toda a luz do meu viver,
'Neste paiz desterrado,
Triste, só, expatriado,
Sem jámais tornal-a a vêr?

Genios d'estas florestas,
Que meus versos repetís,
Se vos move a compaixão,
Levai a minha canção
Ás praias do meu paiz.

Alto de Jerumerim—1851.

SEVERINO DE AZEVEDO

LEMBRANÇA

Embora longe!—o coração não ha de
Esquecer nunca nosso occulto amor:
Não ha de, não!—que a vivaz saudade
Conserva ateado seu immenso ardor...

Do mar á beira, recostado em fragas,
Se vem a lua da amplidão sem fim
Tremulos raios dardejar nas vagas,
A ti só vejo, que sorris p'ra mim...

Occulto em balsas, lá no fim da veiga,
Se á noite escuto o rouxinol cantar,
'Nessa harmonia, tão suave e meiga,
Eu julgo ouvir-te para mim fallar.

Se, lá bem longe, quando a tarde expira,
Vou pensativo divagar além,
Na voz, tão triste, que nas selvas gyra
Suspiros ouço, que de ti me vem.

Se á frente, estuando em um ardor violento,
Travessa aragem refrigerio traz,
Em seu tão puro e embalsamado alento
Os beijos sinto, que a tremer me dás...

Na argentea lua, no cantar das aves,
Na voz da brisa, que me chega aqui,
Das lindas flôres nos perfumes suaves,
A ti só ouço, só te vejo a ti!..

1857

R.

NO ALBUM DA EX.^{ma} SR.^a D. MARIA B. M.

Bem novel, em rude lyra,
Outr'ora cantei amores...

Se cantei!

Cantei como quem delira,
Sonhei venturas, fulgores,
Cri... gozei!

Cri... gozei! Tão breve gôzo,
Tão breve durou no peito
Puro então...

Que depois mal doloroso
Entranhou-se no desfeito
Coração.

Coração, muito sentiste
No teu pulsar innocente
Por amor...

Tiveste fé no que viste,
No que hoje te dá pungente
Dissabor!

Dissabor matou-me a alma,
E com ella a poesia
Que sonhei!

Do martyrio tive a palma,
E a lyra, que m'entretia,
Olvidei...

Olvidei... porque este mundo
As illúões me arrancava
Sem ter dó!

Senti espinho profundo
Ferir-me no qu'eu amava
D'alma só!

Só vi que tinha sonhado,
Que o viver era outra vida
Mais vulgar...

Fiquei de todo indignado,
Que minh'alma era ferida
Por pesar!

O pesar fez-me descrente,
Fez-me carpir triste pranto
D'atra dôr!

E bem qu'em vida florente,
Nunca mais soltei um canto...
Nem d'amor!

D'amor me pedes, donzella,
Que um mago hymno na lyra
Vá vibrar?..

Não peças... que só diz ella,
Quando a mão as cordas fira:
'Dôr!.. Calar!'

Coimbra, 22 Dezembro 1858

A. R. S.

SONHANDO

A VISÃO

Offerecida ao meu amigo E. A. Telxela Barbosa.

Por entre as plantas d'um jardim formoso
Eu vi ao longe branquear um véo;
Só meia face descobria a lua,
Entre as estrellas a brilhar no céu.

Já de mais perto se destingue um vulto
De fada, ou virgem, que por 'li vagueia...
Cantando alegre, passeando airosa,
Como a avesinha, que a voar gorgeia.

Eis manso e manso me aproximo; e corro
Logo a esconder-me na passagem d'ella...
Qual uma setta, que ligeira parte,
Sem que me visse, me occultei da bella.

'Num bosquesinho, que roseiras formam
De rosas brancas como gello alpino...
Escutava attento, extasiado e mudo,
'Num doce arroubo seu cantar divino.

Já de mim perto sua voz soava,
Que plantas, selvas, tudo commovia;
Ouve-se logo o rorear da seda,
Que o niveo corpo todo lhe vestia.

Já s'encaminha com ligeiros passos
P'ra o lindo sitio, em que m'occultava;
Já se debruça p'ra colher as rosas,
S'ellas s'affastam, mais se debruçava.

Eis que travesso, caprichoso espinho,
O véo de gasa lhe segura, e prende...
Ei-la afflicta, por saltal-o lida;
Mas é de balde: já se rasga, e fende.

Tremi de medo, de prazer, e gosto,
Qual tenro lyrio, que bafeja a aura;
Mal respirava, delirei de amor
Ao lindo aspecto d'esta nova Laura.

Não me contive 'neste lance magico...
Fui-me elevando, qual um novo arbusto,
P'ra desprendel-a estendo mão affeito:
Toquei as folhas, estremeceu de susto.

Por entre os ramos de meu grato asylo
Estende os olhos, descobriu-me emfim!
Um grito solta, rasga o véo, e foge,
Qual andorinha pelo ar sem fim.

Debalde intento, com olhar de lynce,
Seguir o curso da visão querida;
Fugiu, qual sombra de polido espelho,
Da qual a vista me deixou ferida.

Por entre as plantas d'um jardim formoso
Eu vi ao longe branquear um véo...
Só meia face descobria a lua
Entre as estrellas a brilhar no céo.

Coimbra, Agosto 1858 SEVERINO DE AZEVEDO

Charada

Dá-me cá, se entra 'num jogo; }
E de vinho generoso } 1
Encher pódés a primeira. }

Se em cerrada capoeira }
Esta e outra irmã se aloja, } 1
Bem pódé dizer seu domno: }
'Ibi fuit campus Troja. }

Deste reino as quentes terras,
E as outras circumvisinhas,
Produzem tostados rostos,
Toucados de carapinhas.

N.º 3.º { 1.º—Armação.
 { 2.º—Matador.

EXPEDIENTE

A ex.^{ma} sr.^a D. Elvira Candida Garcia de Moraes, de Bragança, acaba de offertar-nos uma polka, que espontaneamente compozera debaixo da impressão dos artigos do nosso jornal, e que intitulára os — PRELUDIOS.

Uma tal offerta enche-nos de orgulho,—já porque vemos 'nella uma recompensa famosa, imperecível, tributada pelo genio e pelo sentimento aos esforços de tantos mancebos na *revelação d'uma existencia nova*, cuja possibilidade nos tem sido negada por mais d'uma vez...;—já porque o encanto da sua composição, de que em breve faremos gozar os nossos leitores, lithographando-a no 5.º ou 6.º numero,—nos veio augmentar as provas, que já tínhamos, do talento e engenho das senhoras portuguezas.

Cumpre-nos, tambem, agradecer, e annunciar a publicação d'outra composição musical, de summo gosto, intitulada a — *Saudade*—, devida ao talento e amizade do bacharel o ex.^{mo} sr. Francisco José Brandão, que acaba de tomar sobre si a collaboração 'nesta parte do jornal, que especialmente dedicamos ás senhoras.

Recebemos os n.ºs 12 e 13 da mui util e mui bem escripta *Revista de Instruccion Publica*, publicada em Madrid debaixo da direcção do ex.^{mo} sr. D. Bartolomeu Iñiguez Gimenez. V. DA SILVEIRA

A redacção fará publicar, e muito agradecerá os escriptos, que lhe forem remettidos, particularmente pelos lentes e estudantes da Universidade de Coimbra e das Escolas de Lisboa e Porto.

ASSIGNA-SE: em Coimbra—loja da imprensa da Universidade; Lisboa—livraria universal, de Silva Junior & C.^a; Porto—Jacintho Antonio Pinto da Silva; Viseu—Francisco Gomes Pinto; Pezo da Regoa—Manuel Mendes Osorio; Evora—V. J. da Gama; Bragança—Antonio Caetano d'Oliveira Furtado.

PREÇOS

SEM ESTAMPILHA	COM ESTAMPILHA
Anno 1\$240	Anno 1\$460
Trimestre 360	Trimestre 450

PRELUDIOS-LITTERARIOS

REDACTOR PRINCIPAL—V. da Silveira

Publicamos no nosso jornal o seguinte documento — por duas razões: 1.^a porque, sendo hoje OS PRELUDIOS LITTERARIOS o jornal mais lido pelos estudantes, conseguiremos assim fazer chegar ao conhecimento de todos elles o *estado lastimoso*, em que se acha na actualidade a melhor, a mais util, a mais philantropica de todas as instituições academicas, plantadas em Coimbra pelas suas proprias mãos; 2.^a, porque nos servirá elle como de introduccão a alguns trabalhos, que, sobre as causas d'esse estado, já tencionavamos publicar, levados pela esperança de que veremos ainda reviver essa associação, que tanto podéra fallar em favor da classe a que pertencemos, e que tantas vantagens offerceria á instrucção, ainda tão mal dirigida e espalhada entre nós.

V. DA SILVEIRA

Relatorio da Direcção da Sociedade-Philantropico-Academica, apresentado pelo Secretario da mesma, o ex.^{mo} sr. Antonio dos Santos Viegas Junior, na occasião da posse da nova Direcção para 1859.

Senhores!

Ha quasi um anno, que nos foi confiada a gerencia dos negocios da Sociedade-Philantropico-Academica; e por isso é tempo de vos dar conta de nossos trabalhos, aos quaes de boa vontade nos sujeitámos, animados pela sympathia, que sempre nos inspirou o nobre fim d'esta instituição academica. Prouvéra a Deus, que no coração de todos se achasse gravado egual sentimento! Mão grado nosso, cumpre-nos confessar que o entusiasmo pela Philantropica parece completamente amortecido, se é que de todo se não apagou já!

Passou a época dourada, em que se

1859—Fevereiro

considerava uma honra ser socio da Philantropica; em que, para ser admittido, era mistér ser proposto e approved! Hoje a academia parece desconhecer a utilidade de semelhante associação, certamente por ignorar quaes são os seus fins,— porque não ousamos acreditar, que outra seja a causa da indifferença, com que se olha para uma instituição tão nobre, quanto proveitosa.

Lêde, Srs. o artigo 1.^o dos estatutos da Sociedade-Philantropico-Academica, e encontrareis ahi, que o seu objecto é: 1.^o assistir com os soccorros possiveis a estudantes e socios enfermos; 2.^o proteger a virtude e o talento, quando desacompanhado de meios pecuniarios; 3.^o, em fim, acudir ás necessidades dos socios residentes em Coimbra, quando caírem em miseria, qualquer que seja o seu estado, com tanto que o mereçam por um comportamento irreprehensivel.

Comprehendida bem a excellencia d'estes fins, e abstrahindo mesmo da utilidade propria, que — por acaso ao menos — nos póde caber, quem poderá negar um óbolo da sua bolsa para o cumprimento d'uma obra tão sancta?

O pretexto da má applicação dos fundos, com que muitos se escusam, permitti que vol-o digamós, é realmente frivolo: a experiencia mostra, que ninguem recorre á Philantropica, sem verdadeira necessidade; e a direcção tem sempre observado com escrupulo as prescripções dos Estatutos, quando se tracta de conferir alguns soccorros.

Mas, admittindo mesmo, que por este lado tenha havido algum erro (porque verdadeiro abuso não o acreditamos), se isso depende de defeito na lei,—vinde e reformai-a; se da sua falta d'execução, — vinde, ahi estão as

N.º 5

portas abertas, — vinde consultar o archivo da Sociedade, dae-vos ao trabalho de analysar os documentos, que ali ficam, examinae os livros das actas e da caixa, vigiae de perto os actos da direcção, — em summa, tomai interesse pela Sociedade, e vel-a-heis reviver e prosperar!

E isto justamente o que se não faz; e portanto a Sociedade definha de dia para dia.

Das contas que vão juntas a este relatório, que hoje vimos apresentar-vos, cumprindo com o dever, que nos impõe o artigo 13, §. 17 dos estatutos, reconhecereis, que, para custear as despesas ordinarias da Sociedade, tivemos de recorrer a meios extraordinarios de receita, porque as prestações mensaes dos socios, além de formarem uma somma assás diminuta, pouco ou nada avultam, em razão da difficuldade, com que luctámos, de conseguir uma cobrança regular.

Todas as direcções se têm visto a braços com este escolho, que ameaça comprometter a vida da Sociedade, porque é fóra de duvida, que são as prestações ordinarias, que lhe asseguram a conservação, sendo que a receita extraordinaria é sempre incerta e muitas vezes difficil de conseguir. Todas hão reconhecido a inefficacia dos systemas de cobrança, que imaginaram, sujeitando-os á prova terrivel da experiencia.

E nós, pela nossa parte, que ensaiámos mais d'um methodo, quasi sempre com igual desappontamento, achámos, que, de todos os systemas imaginados, o que assegura um resultado mais vantajoso, é o da cobrança das prestações no acto da matricula. Talvez que cobrando parte das prestações no acto d'abertura de matricula, e parte no d'encerramento se conseguisse alfim vencer tamanha difficuldade: a direcção, que vai seguir-nos, que aproveite a idéa, que aqui lhe apontamos, se por ventura lhe não encontrar algum inconveniente grave.

Se as prestações obrigatorias nos ajudaram pouco, as voluntarias foram nenhuma; e nem ao menos tivemos occasião de conseguir um beneficio d'espectaculo a favor da Sociedade, apesar dos esforços, que para isso empregámos. Accresce a isto o pouco ou nenhum resultado, que se tem

colhido da venda dos exemplares da excellente memoria, com que o nosso estimavel consocio, o ex.^{mo} conselheiro Barreto Feio, brindou a Sociedade.

Já vêdes pois quão deploravel seria o estado dos fundos da Sociedade, se nos não valessemos d'algum meio extraordinario, para nos salvarmos de tão grande apuro, sem deixar de accudir ás necessidades urgentes dos academicos pobres, a quem prestámos subsidios, já regulares e mensaes, já extraordinarios por occasião das matriculas, e outras.

A quasi totalidade dos fundos, de que dispozémos, houvemol-a pelo rendimento dos dois bazares, que se fizeram no jardim botanico. Por esta occasião tivemos o prazer de ver recompensado o nosso trabalho, com um resultado superior ao que nossas esperanças ousavam calcular. Dos mappaes, que então se publicaram, vistes que por estes dois beneficios a caixa da Sociedade recebeu a quantia de 273\$880 réis. Tudo correu com a melhor ordem, e não houve o mais pequeno motivo de desgosto.

Era aqui o logar de fazer menção honrosa de varias pessoas, familias e corporações, que generosamente coadjuvaram a direcção, já com serviços pessoaes, já pelo emprestimo d'objectos de subido preço, que muito concorreram para abrilhantar aquellas duas funcções de beneficencia; o seu grande numero obsta a que o façamos: limitar-nos-hemos a significar o mais vivo agradecimento a todas as senhoras, que nos penhoraram d'uma maneira singular, pelas mimosas prendas, de que nos fizeram presente, e por sua amavel assistencia nos bazares.

Eis abi, srs., o que temos a dizer-vos, pelo que toca á receita. 'Nestas circumstancias bem vêdes, que a direcção não podia dispendir com mão larga: é por isso que conservámos até ao fim a modica taxa de 6\$000 réis para as mensalidades, estabelecida logo de principio, d'harmonia com os fundos da Sociedade e o preço actual das subsistencias: resta-nos a consolação de termos deferido favoravelmente a quasi todos os requerimentos, que nos foram apresentados. Deram-se mezadas regulares a alguns estu-

dantes; subsidios extraordinarios a outros; e pagaram-se as propinas de matricula, em maio a tres, e em outubro a dois.

Concedeu-se tambem um pequeno emprestimo, pelo qual se responsabilisaram duas pessoas de reconhecida probidade e honradez; e finalmente fizeram-se algumas despesas d'administração. O mappa, que vai junto, construido pelo nosso incansavel thesoureiro, vos informa mais em detalhe do movimento da receita e despesa. Consultando-o, vereis que os soccorros prestados pela sociedade, desde março de 1858 até 16 de janeiro de 1859, sobem a uma somma immensamente grande, comparada ao producto insignificante das mensalidades.

Apesar de todas estas despesas, a direcção vos deixa ainda em caixa um saldo não inferior ao que recebeu da direcção antecessora.

Cumpre-nos tambem participar-vos, que o primitivo redactor do jornal — *Estréa litteraria* — nos propoz a cedencia do seu jornal a favor da Philantropica, mediante certas condições: a direcção analysando e discutindo similhante proposta, julgou-a inconveniente, e por isso a não aceitou. Na secretaria se acham archivados todos os documentos, que justificam o procedimento da direcção 'neste negocio, como em todos os demais.

Por occasião do consorcio real, lembrámo-nos d'aproveitar tão bello ensejo, para juntamente com a felicitação, que era do nosso dever dirigir a S. Magestade, como protector da Sociedade, fazer subir á sua real presença uma súplica d'alguns beneficios para os academicos soccorridos pela Philantropica; o nosso illustre consocio, o nobre Marquez de Sousa e Holstein, quiz encarregar-se de apresentar de mão propria a El-Rei a sobredita felicitação. Sentimos ter de declarar-vos, que até hoje nenhum resultado colhemos do nosso pedido: certamente os negocios do Estado não têm permitido a S. Magestade, que se lembre de exercer para connosco os seus, aliás bem provados, sentimentos de caridade e amor pelos desvalidos.

Eis-ahi tendes um relatorio succinto dos pontos capitaes da nossa administração.

Esperamos, que acreditareis, que não fizemos quanto desejavamos fazer, mas tão sómente o que podémos. Oxalá nos fosse possível elevar a Sociedade-Philantropico-Academica á altura, que lhe destinaram os seus instituidores! Prouvéra a Deus, que nos coubesse a gloria de levar a effeito o magnifico projecto d'uma casa de saude e d'um cemiterio academico, de que fala o artigo 30.º dos estatutos, e que não deixou de nos passar pela mente nos instantes, em que sonhámos um porvir risonho á nossa Sociedade!

A situação critica, em que ella se acha actualmente, em virtude do abandono geral, que está soffrendo, nos descorçoou de tentar em parte a realisação dos nossos desejos, por ventura arrojados; porém a boa escolha, que fizestes dos membros da nova direcção, faz com que saiamos animados das melhores esperanças de ver renascer o antigo amor pela Philantropica, de ver remoçar e progredir a bella instituição, que nós com difficuldade podémos conservar.

Coimbra secretaria da Sociedade-Philantropico-Academica, em sessão de 20 de Janeiro de 1859.— Presidente, *Dr. Luiz Albano d'Andrade*; Fiscal, *Dr. Antonio dos Santos Jardim*; Thesoureiro, *Dr. Francisco Fernandes da Costa*; Procurador, *V. da Silveira*; Vogal, *José Dias Ferreira*; Secretaria, *Antonio dos Sanctos Viegas Junior*.

EUGENIO PELLETAN E EUGENIO HUZAR

L'homme pense; donc il régne sur la terre au meme titre que Dieu dans l'immensité.

E. PELLETAN

L'orgueil de la science, ce vieux péché du monde, qui a été sa fatalité dans le passé, le sera encore dans l'avenir.

E. HUZAR.

A imaginação apaixonada e fecunda de Eugenio Pelletan, nos vóos d'um entusiasmo quasi febril, canta o progresso da humanidade em hymnos tão entusiasticos, tão intimamente consoladores, que não ha ahí coração, que se não apaixone e orgulhe ao lel-os!

O homem conhece então o seu poderio

no mundo; vê os elementos revolucionar-se; e aprende como a humanidade sáe victoriosa d'essa revolta, que ameaçava submergil-a; vê os thronos alluir-se, desmorerar-se os imperios, desaparecer os povos da superficie do globo, e 'nessas evoluções da humanidade, que deixam após si montões e montões de ruinas, o homem, com E. Pelletan, — descobre ainda um progresso!

Os povos, que nos precederam, vieram, como nós, revestidos d'uma alta missão; cumpriram-na, e retiraram-se! Combateram, arriscaram a sua vida, perderam-na, no meio de luctas fraticidas, em favor d'uma idéa, d'um pensamento.

Esses povos já não existem! mas a idéa, o pensamento, por que combateram, por que morreram, esse legaram-nol-o; e nós progredimos. Era em favor da humanidade, que elles, sem o saberem, combatiam!

O espirito, aparentemente avassalado pela força bruta da materia, desprendé-se pouco e pouco, imperceptivelmente, d'esse involucro pesado, que o opprime, que o esmaga, que lhe mata as mais nobres aspirações, — dilata-se, e canta ufano o seu triumpho definitivo! O espirito vence em fim a materia, sujeita-a, fazendo-a tambem progredir!

Assim, — progresso no mundo physico, pela descoberta de novas forças; no mundo moral, pela elevação do sentimento; no mundo da intellectualidade, pela aquisição de novos conhecimentos.

O mundo marcha; e cada dia, que se perde na escuridão do passado, é um passo de mais, que a humanidade avança para o lugar, que a Providencia lhe destinára lá no futuro. *O Eden!* eis a habitação bem-aventurada, — esse lugar predestinado por Deus, pelo qual a humanidade suspira, e para onde, em virtude da lei do progresso, que o Creador lhe impozera, ella se aproxima de dia para dia.

Ahi tendes, se me não engano, a theoria d'E. Pelletan sobre o progresso da humanidade. Mas se não quereis ver esmorecer pouco e pouco este sancto entusiasmo, este nobre orgulho, que a theoria d'E. Pelletan vos deve por certo inspirar, — parae aqui.

Se preferís uma vida toda encantos, e cheia de fé, embora isso seja uma illusão; se preferís uma esperança consoladora a uma duvida desolante, não leiais — *La fin du monde par la science* — d'Eugenio Huzar!

O mundo marcha, é verdade; mas no fim da sua ultima evolução encontra o abysmo, que ha de submergil-o. O mundo progride: mas 'nesse mesmo progresso lá está occulta, invisivel, mysteriosa a causa da sua ruina, do seu total aniquilamento! É a mesma lucta entre o espirito e a materia, a mesma guerra prolongada, incessante entre as forças brutaes da natureza e a força intelligente do homem!

Mas não julgueis, que é o espirito, que é a intelligencia, que vence, que canta victoria.

! Não! — *é uma lucta eterna da liberdade contra a fatalidade, é o triumpho definitivo das forças brutaes da natureza sobre a liberdade humana!*

Ahi tendes, segundo Eugenio Huzar, o resultado final d'esse combate entre a humanidade, e o mundo physico: *a humanidade d'Adão*, tambem progrediu, mas uma sciencia *orgulhosa, exaggerada, imprevidente*, fôra a causa de sua ruina, de seu *perecimento absoluto*. O fructo da *arvore da sciencia* fôra-lhe prohibido; o homem ou-sára tocar-lhe; e a sua *quêda*, foi certa, inevitavel, fatal. As mesmas causas produzem os mesmos effeitos: o que tem sido, será; e esse *orgulho da sciencia, que foi a causa da fatalidade do mundo no passado, sel-o-ha ainda no futuro*. O progresso aqui tem um limite: — é a desappareição completa, absoluta do mundo organico!

Quem tem razão? Não sabemos; nós queremos antes o engano, a illusão, se o é, d'Eugenio Pelletan, que a prophesia, embora real, que a logica d'Eugenio Huzar nos quer inculcar.

EDUARDO J. COELHO

AS PRIMEIRAS PAGINAS D'UM ROMANCE

VII

O cavaco das duas velhas, que até alli

havia sido apenas entrecortado pelo accotelar frequente, que a sr.^a Anna imprimia á sua antiga conhecida e amiga, a fim de que contemplasse e admirasse o bem dançado e rodado da sua afilhada, a proposito da qual ella recordava, e por ventura imaginava, differentes e mui extravagantes historietas e episodios, foi cortado alfim inteiramente, pela chegada do prior, capitão, e sobrinha, personagens, que o leitor já conhece, mas não circumstanciadamente.

Esta chegada feliz dos magnates ou representantes da pequena aldêa foi acolhida e saudada com uma roda de vivas estrepitosos, ruidosos, que esturgiram no ar, e foram sensivelmente respondidos pelo écco dos montes circumsentados, que o silencio da noite tornava mais intelligivel.

—Viva o nosso bom reitor! viva o senhor capitão e mais a sr.^a D. Adelaide! Viva!..

Estas vozes, que assim entoavam um saudar sincero e innocente, partido do coração e não só dos labios; este applaudir sem lisonja e sem mira de interesseiro fim foi affogar-se n'um estrondoso rufar do tambor, não d'esse rufar sinistro e medonho, instantaneo como o estalar do raio, prolongado como o gemido da agonia, que inspira o espanto e o terror, o entusiasmo e o ardor, que chama ao triumpho ou á morte; mas um rufar todo alegria e prazer, todo esperanza e doudejante brincar.

—Deus vos abençõe, meus filhos, disse o bom do prior, em tom apostolico, e com assento grave e pausado, acabando de cheirar uma pitada, que lhe occupava os dedos, e puchando pelo seu lenço de panninho encarnado do immenso bolso do enorme casaco, cujas abas lhe desciam até ao tornozelo, coberto por uma bota de cano alto, o que tudo, juncto ao seu chapéu triangular de borla verde, ás suas luvas de lã preta, e á sua bengala de castão prateado, formava o completo toaléte do probro e bondoso prior.

Sexagenario já era elle; apresentava, não obstante, um rosto sereno e venerando, que o tempo parecia haver respeitado, para não deixar 'nelle impressos vestigios dos sessenta annos decorridos, signaes, que advertem ao homem, como o tronco carcomido

á arvore, as fendas ao edeficio, que ventos e tempestades de seculos combateram, de que proxima soará a hora do definhar e do despedir derradeiro...

A sua tez, ainda não rugada, ampla e espaçosa, revelava um solido pensar, prudencia, discernimento e juizo recto e claro. Algumas cans, que davam ao seu rosto mais gravidade e respeito, eram os unicos signaes, que o tempo e os penosos cuidados de sacerdote, esse medico da alma, ahí imprimido haviam. Estas brilhavam como fios de prata n'umas arqueadas sobancelhas, debaixo das quaes se aguartavam dois pequenos, mas vivos e expressivos olhos, cujo fulgor da mocidade ainda se não tinha amortecido. Um nariz algum tanto comprido, mas proporcional ao tamanho do rosto, se desprendia obliquamente até vir cahir, sem comtudo se aproximar ao labio superior. Um sorriso affavel adajava em seus labios, que apenas se haviam aberto para dar palavras de consolação, de caridade e conforto, de saudação evangelica, de reconciliação e benção sacerdotal, que elle prodigalisava aos seus parochianos.

Era uma d'essas physionomias, que o contemplal-as nos faz recordar, nos representa reproduzidos os rostos tranquillos e refulgentes de inspiração divina d'esses patriarchas abençoados do povo escolhido, d'esses martyres denodados do mundo christão.

VIII

Perdoae leitores, se prolongo tanto as minhas digressões, se fraccio esse dialogo, que, na epocha actual, e para alguns, constituem a parte mais interessante do romance, para massar-vos com estas descrições fastientas e importunas para aquelles, que se impacientam por não ver o fim do enredo, o desfecho da illusão, as surpresas amatorias, a fugida da amante, o assalto do rival, a vingança com sua espada de fogo, o castigo do céo...; e, no fim de tudo isto..., os doces laços do hymeneu, e a reconciliação domestica, etc. etc.; d'isto estais vós ao facto bem melhor do que eu...

Vamos á historia...; mas primeiro quero dar-vos uma explicação.

Desci a tão insignificantes miudezas na descripção do prior da pequena aldêa; porque é um d'aquelles poucos, e mui raros que elles são! que pódem servir de typo a tantos, que indignamente vestem a roupeta ecclesiastica, em que o christianismo envolveu os seus ministros, e em que a sociedade, mais pretenciosa, os amortalhou, prohibindo-lhes até completar a sua personalidade, pondo-lhes uma sordina perpetua nas cordas da sua alma, condemnando-os ao isolamento do coração, pelo celibato; e produzindo assim, não a harmonia da natureza, mas uma confusão de sons abafados, que fazem repellir com desdem e horror aquelles, em que ella se produz, excitando o escarneo e os aleives contra seres, que não pódem subtrahir-se á lei da sua natureza, como o gaz, que comprimido, produz a explosão, porque o violentam na realisação da lei da expansibilidade.

É a sociedade, que procura reformar as obras de Deus, que produz todos os seus males, não fazendo mais do que confirmar a memoravel e profunda sentença, com que Rousseau abre as paginas a um dos seus melhores escriptos: — *Tout est bien en sortant des mains de son Créateur, tout dégénère aux mains des hommes* — Rousseau era um grande homem, digam lá o que quizerem os criticos; teve as suas fraquezas, proferiu os seus absurdos, caíu em contradicções...; mas quem está d'ellas exempto?..

E. GARCIA

POESIA

'NUMA NOITE DE LUAR

Fragmento de meditação

É noite. A lua dardeja os seus raios de prata sobre as brancas casas de Coimbra, e em seu melancolico clarão desenha as paredes e a torre da Universidade no escuro do horisonte; a torre recorta-se ahi como um gigante, que a imaginação visse realiado; o Mondego, lá em baixo, reflecte o clarão argentino da meiga rainha da noite; e eu, só... contemplava o especta-

culo sublime d'uma noite fria de dezembro, esclarecida por um pallido luar!

Eu não sei que impressão exerce sobre o nosso espirito a natureza: se ella é risosna, como um prado, em que abundam as rozas, as boninas e as acacias, — alegres nos sentimos; se ella é triste e melancolica, como uma noite de luar, — melancolicos nos sentimos; se ella é severa e carregada, como o areal do deserto, batido e requeimado pelo Simoun, — carregados nos sentimos; se ella é austera, como o pôr do sol n'um campo de trigo — meditativos nos sentimos; mas em todos os casos o espirito despe-se do involucro material; e levado nas azas da imaginação o pensamento paira nas alturas onde só se descortina a causa sem causa — Deus! Não sei que philosopho algum explicasse satisfactoriamente esta attracção exercida pela natureza: é uma coisa, que se sente, mas que se não explica. A fascinação, por exemplo, que um abysmo sobre nós exerce, é impossivel de descrever-se. Hermengarda sente-se attrahida pelo abysmo do Sallia; Lamartine medita ao pôr do sol; e João de Lemos lembra-se da patria ao ver que

... o astro saudoso
Rompe a custo um plumbeo céu!

Mas que será isto? Mystério sem explicação; porque, para o explicar, seria mistér explicar o que seja o homem e a natureza, — dois mysterios!

'Nesta noite, pois, melancolico me sentia, e a imaginação levava-me á patria, ao seio da familia, — esse fóco onde se concentram nossas mais sanctas affeições, esse oasis, que encontramos 'neste deserto, a que chamamos — *mundo*: depois eu sentia uma vaga saudade do passado, e de duas irmãs carinhosas, que um mortifero tufão tinha feito cahir, como cahem as folhas, que o halito glacial do outono tem amarellecido! E lembraram-me os versos de Lamartine ao chorar a morte de suas mais sanctas affeições; e elles derramaram uma consolação no meu espirito! Depois, a poesia começou a embeber-se-me n'alma; lembrou-me aquella tão singella poesia do nosso primeiro poeta lyrico J. de Lemos, a